INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Inovando a Tradição: A Mediação Digital e os Sentidos e Significados de Autenticidade na Peregrinação ao Caminho de Santiago

ANABELA COSTA HENRIQUES

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):
Doutor Tiago Lapa, Professor Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2026

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Inovando a Tradição: A Mediação Digital e os Sentidos e Significados de Autenticidade na Peregrinação ao Caminho de Santiago

ANABELA COSTA HENRIQUES

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):
Doutor Tiago Lapa, Professor Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2026

O caminho para os peregrinos é um só, o espírito

Agradecimento

Esta dissertação representa um percurso particularmente significativo da minha vida académica e pessoal, refletindo um desafio construído com dedicação, perseverança e sentido de propósito.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Tiago Lapa, pela disponibilidade, orientação e acompanhamento ao longo de todo o percurso académico. A sua disponibilidade, clareza crítica e rigor científico foram fundamentais para o desenvolvimento e amadurecimento deste trabalho.

Expresso um reconhecimento especial à minha família e aos meus amigos, pelo apoio constante, pela compreensão e pelo incentivo ao longo das etapas mais exigentes desta caminhada.

À minha filha e ao meu filho, com quem sempre caminhei lado a lado no percurso da aprendizagem, dedico este trabalho com amor e esperança no futuro, acreditando que o exemplo constitui também uma forma de ensinar, que os desafios podem ser superados quando existe verdadeira vontade.

Aos meus padrinhos da Confraria do Apóstolo Santiago, Paula Francisco e Jorge Salgueiro, agradeço a confiança, o estímulo contínuo e o incentivo à reflexão e à escrita sobre Santiago, que se revelaram uma importante fonte de inspiração espiritual, pessoal e académica.

Aos peregrinos que participaram neste estudo, em particular aos entrevistados, agradeço a disponibilidade, a generosidade e a partilha das suas experiências, sem as quais este trabalho não teria sido possível.

Por fim, reconheço o recurso pontual ao ChatGPT para apoio linguístico e tradução de excertos, em particular na elaboração do resumo e do abstract

Resumo

A presente dissertação analisa de que forma a mediação digital se articula com os sentidos e significados de autenticidade na experiência peregrina do Caminho de Santiago, com especial incidência no Caminho da Geira e dos Arrieiros (CGA). A investigação assenta numa abordagem qualitativa e interpretativa, combinando observação participante e 25 entrevistas semiestruturadas, procurando compreender de que forma diferentes perfis de fé negociam as tensões entre tradição, espiritualidade e conectividade permanente.

Os resultados sugerem que a autenticidade é percecionada não como uma essência fixa, mas como uma construção simbólica e um "êxito negocial".

No contexto específico do CGA, as tecnologias digitais, particularmente o smartphone e as aplicações de navegação, emergem como mediadoras de segurança indispensáveis face à escassez de sinalização física. Contudo, a interpretação das narrativas revela que esta integração não é isenta de tensões, exigindo dos peregrinos uma disciplina ética da atenção capaz de preservar estados de imersão profunda (*flow*) e evitar a fragmentação sensorial induzida pelos dispositivos digitais.

A análise demonstra ainda que esta experiência autêntica constitui um processo emergente, construído na articulação entre a corporeidade do esforço, a presença no território e a gestão reflexiva da "presença mediada". Evidenciam-se, deste modo, ambivalências entre o desejo de desconexão e a necessidade técnica, reforçando o carácter reflexivo de uma jornada que oscila entre a experiência vivida e o risco de se transformar num simulacro digital.

A investigação permitiu ainda identificar diferentes perfis de relação com a mediação digital, evidenciando formas distintas de integração, regulação e apropriação da tecnologia na experiência peregrina.

Em suma, a dissertação sustenta que a peregrinação contemporânea se configura como uma prática ritual híbrida, passível de ser compreendida à luz de uma "liminalidade conectada".

O estudo contribui para a compreensão das transformações da espiritualidade na era digital, evidenciando como o Caminho de Santiago se reafirma enquanto tradição em permanente reinvenção, onde a sacralidade é continuamente reconfigurada através de novas formas de visibilidade e mediação comunicacional.

Palavras-chave: Caminho de Santiago; Caminho da Geira e dos Arrieiros; mediação digital; autenticidade; liminalidade conectada; turismo espiritual; experiência peregrina.

Abstract

This dissertation examines how digital mediation articulates with the meanings and senses of authenticity within the pilgrim experience on the Camino de Santiago, with particular emphasis on the Geira and Arrieiros Route (CGA). The research adopts a qualitative and interpretive approach, combining participant observation and 25 semi-structured interviews, seeking to understand how different faith profiles negotiate the tensions between tradition, spirituality, and permanent connectivity.

The findings suggest that authenticity is perceived not as a fixed essence but as a symbolic construction and a "negotiated achievement".

In the specific context of the CGA, digital technologies, particularly smartphones and navigation applications, emerge as indispensable mediators of safety in response to the scarcity of physical signage. However, the interpretation of the narratives reveals that this integration is not free from tension, requiring an ethical discipline of attention capable of preserving states of deep immersion (*flow*) and avoiding the sensory fragmentation induced by digital devices.

The analysis further demonstrates that this authentic experience constitutes an emergent process, constructed through the articulation between the corporeality of effort, presence within the territory, and the reflexive management of "mediated presence". Tensions emerge between the desire for disconnection and technical necessity, reinforcing the reflexive nature of a journey that oscillates between lived experience and the risk of becoming a digital simulacrum.

The research also identified distinct profiles of engagement with digital mediation, revealing different ways of integrating, regulating, and appropriating technology throughout the pilgrim experience.

In summary, the dissertation argues that contemporary pilgrimage constitutes a hybrid ritual practice that may be understood through the lens of "connected liminality".

The study contributes to understanding the transformations of spirituality in the digital age, highlighting how the Camino de Santiago reaffirms itself as a tradition in continuous reinvention, where sacredness is constantly reconfigured through new forms of visibility and communicational mediation.

Keywords: Camino de Santiago; Geira and Arrieiros Route; digital mediation; authenticity; connected liminality; spiritual tourism; pilgrim experience.

Índice

Agradecimento iii
Resumo v
Abstract vii
CAPÍTULO 1 1
Introdução 1
1.1. Questão principal de investigação 2
1.1.1. Perguntas subsidiárias 2
1.2. Objetivo geral 3
1.2.1. Objetivos específicos 3
1.3. Estrutura da dissertação 3
CAPÍTULO 2 5
Enquadramento Teórico 5
2.1. O Caminho de Santiago entre tradição, espiritualidade e contemporaneidade 5
2.2. A autenticidade da experiência peregrina 7
2.3. Mediação digital e experiência: presença, ausência e prolongamento 9
2.4. Peregrinação, turismo espiritual e mobilidades contemporâneas 12
2.5. A mediação das tradições e rituais na chegada a Santiago 14
2.6. Considerações finais 16
CAPÍTULO 3 19
Metodologia 19
3.1. Opção epistemológica e abordagem qualitativa 19
3.2. Técnicas de recolha de dados: entrevistas e observação participante 20
3.3. Seleção dos participantes e amostragem 20
3.4. Considerações éticas e reflexividade 22
3.5. Limitações do estudo 23
CAPÍTULO 4 25
Apresentação e Análise dos Dados 25
4.1. Introdução 25
4.2. Perfis empíricos dos peregrinos entrevistados 25
4.3. A tecnologia como companheira, obstáculo ou extensão da experiência 26
4.3.1. A tecnologia como mediadora de segurança e orientação 27

4.3.2. A tecnologia como obstáculo potencial à imersão, ao silêncio e ao estado de *Flow* 27
4.3.3. A tecnologia como extensão simbólica da experiência..... 28
4.3.4. Integração do eixo: mediação digital e experiência enquanto hibridez negociada..... 29
4.4. A autenticidade como construção simbólica e relacional: a tensão do simulacro 31
4.5. Entre a tradição e a inovação: discursos e práticas..... 33
4.6. Peregrinação e turismo espiritual: entre o sagrado e o pessoal..... 34
4.7. Tipologia interpretativa dos peregrinos face à mediação digital 36
4.7.1. Peregrinos Conectados Reflexivos 36
4.7.2. Peregrinos da Desconexão Intencional..... 36
4.7.3. Peregrinos Instrumentais Pragmáticos 37
4.7.4. Peregrinos Narradores Memorialistas 37
4.7.5. Discussão comparativa da tipologia..... 37
4.8. Integração analítica dos resultados empíricos 38
CAPÍTULO 5..... 39
Conclusões 39
5.1. Síntese dos principais resultados 39
5.2. Contributos do estudo..... 40
5.3. Limitações e possibilidades futuras de investigação..... 41
5.4. Consideração final: reflexões de uma jornada entre o ecrã e o trilho..... 42
Referências Bibliográficas 43
ANEXOS 47
Anexo A – Guião de Entrevista Semiestruturada 47
Anexo B – Termo de Consentimento Informado..... 49
Anexo C - Quadro de Operacionalização da investigação..... 51
Anexo D – Matriz de perfis..... 52
Anexo E – Matriz de codificação temática indutiva 53
Anexo F – Matriz Analítica da Tipologia Interpretativa dos Peregrinos Face à Mediação Digital 54

CAPÍTULO 1

Introdução

A peregrinação ao Caminho de Santiago, apesar de enraizada numa tradição milenar, é hoje vivida num contexto profundamente marcado pela conectividade digital e pela omnipresença dos dispositivos tecnológicos. Inserida no campo das Ciências da Comunicação, esta investigação procura compreender de que forma as tecnologias digitais reconfiguram a experiência peregrina contemporânea, centrando-se particularmente na negociação simbólica dos sentidos de autenticidade. O estudo incide especificamente sobre o Caminho da Geira e dos Arrieiros, uma rota jacobeia relativamente recente e menos massificada, particularmente relevante para observar práticas, discursos e tensões associados à procura de experiências entendidas pelos próprios peregrinos como mais "autênticas".

Ao longo dos séculos, o Caminho foi sendo moldado por diferentes regimes comunicacionais, desde os relatos manuscritos e tradições orais até às atuais plataformas digitais. Na contemporaneidade, a partilha digital de fotografias, trajetos, reflexões e relatos quotidianos produz formas de "presença mediada" que, segundo Thompson (2005, p. 33), permitem que a interação seja "'stretched' across space and may also be stretched out or compressed in time" [esticada no espaço e possa também ser estendida ou comprimida no tempo].

O Caminho de Santiago constitui uma das mais emblemáticas rotas de peregrinação da tradição ocidental, com origens que remontam ao século IX. Ao longo do tempo, as motivações associadas à peregrinação deixaram de se restringir à dimensão estritamente religiosa, passando a integrar sentidos culturais, existenciais, turísticos, identitários e introspetivos. Num contexto contemporâneo marcado pela intensificação dos processos de digitalização e mediação tecnológica, a experiência peregrina passa a ser atravessada por novas tensões entre tradição e inovação, entre silêncio e hipermediação, entre presença corporal e representação digital.

É precisamente neste quadro que emerge a problemática central desta investigação: compreender de que forma a mediação digital, frequentemente associada à distração, à aceleração ou ao afastamento da experiência espiritual, é apropriada, regulada, integrada ou recusada pelos peregrinos enquanto parte constitutiva da experiência de autenticidade no Caminho.

A escolha deste tema resulta da articulação entre a experiência pessoal da autora enquanto peregrina e o interesse académico em compreender de que forma os dispositivos móveis, as redes sociais e as aplicações de navegação transformam os modos de experienciar, comunicar e narrar o Caminho. Estas transformações suscitam questões relevantes acerca da autenticidade da experiência peregrina, historicamente associada à simplicidade, ao afastamento do quotidiano, ao silêncio e à dimensão espiritual da caminhada.

Importa igualmente considerar, de que forma a mediação digital pode funcionar como extensão simbólica da experiência, seja enquanto recurso de orientação e segurança, instrumento de memória ou mecanismo de ligação comunitária, contribuindo para formas plurais de presença e espiritualidade mediadas.

Neste contexto, a dissertação procura contribuir para uma leitura crítica da peregrinação enquanto prática comunicacional, cultural e espiritual contemporânea, articulando conceitos como autenticidade (MacCannell, 1973; Wang, 1999), mediação digital (Thompson, 2005; Couldry, 2012) e turismo espiritual (Eade & Sallnow, 1992), a partir de uma abordagem qualitativa e reflexiva.

Parte-se, assim, do pressuposto de que a autenticidade não constitui uma essência fixa ou imutável, mas antes uma construção simbólica continuamente negociada entre práticas corporais, enquadramentos culturais e formas contemporâneas de mediação tecnológica, particularmente visíveis em rotas menos massificadas como o Caminho da Geira e dos Arrieiros.

1.1. Questão principal de investigação

Como negoceiam os peregrinos simbolicamente a autenticidade da experiência peregrina num contexto de mediação digital intensiva?

Esta questão implica compreender de que modo os peregrinos conciliam o uso de tecnologias digitais com imaginários tradicionais de autenticidade, simplicidade, silêncio e espiritualidade associados à peregrinação.

1.1.1. Perguntas subsidiárias

1. De que forma a mediação digital influencia o planeamento, a vivência e a partilha da experiência peregrina no Caminho de Santiago?
2. Que funções desempenham os dispositivos digitais — especialmente o telemóvel — na orientação, segurança e gestão prática da peregrinação?
3. Como é que a partilha digital da experiência, através de redes sociais e aplicações móveis, influencia os significados atribuídos à peregrinação?
4. De que modo os discursos dos peregrinos expressam tensões entre tradição e inovação na era digital?
5. De que modo os peregrinos negoceiam a relação entre esforço físico, espiritualidade e mediação tecnológica?
6. Que noções de autenticidade emergem nas práticas e narrativas digitais dos peregrinos?

1.2. Objetivo geral

Compreender de que forma os peregrinos do Caminho de Santiago, em particular do Caminho da Geira e dos Arrieiros, experienciam e narram a sua jornada num contexto de crescente mediação digital, analisando a autenticidade da experiência a partir das suas práticas, representações e discursos.

Pretende-se ainda examinar como os peregrinos integram, resistem ou reinterpretam a tecnologia ao longo do percurso, e de que forma estas escolhas influenciam os sentidos atribuídos à autenticidade.

Pretende-se ainda compreender como os peregrinos integram, regulam, resistem ou reinterpretam a tecnologia ao longo do percurso e de que forma essas escolhas influenciam os sentidos atribuídos à autenticidade da experiência.

1.2.1. Objetivos específicos

- Analisar os discursos dos peregrinos acerca do uso das tecnologias digitais ao longo do Caminho;
- Identificar as práticas digitais associadas à construção e partilha da experiência peregrina;
- Explorar as perceções dos peregrinos relativamente à autenticidade da experiência em contexto de mediação digital;
- Relacionar os discursos e representações dos peregrinos com as transformações contemporâneas do turismo espiritual;
- Investigar como se articulam dimensões de presença física, espiritualidade e presença digital na vivência peregrina.

1.3. Estrutura da dissertação

Tal como o próprio Caminho de Santiago se constrói por etapas, encontros, desvios e momentos de reflexão, também esta dissertação se organiza como um percurso interpretativo em torno da experiência peregrina contemporânea na era digital.

No Capítulo 2 desenvolve-se o enquadramento teórico que sustenta a investigação, explorando os principais debates em torno da autenticidade, da mediação digital, da espiritualidade e das transformações contemporâneas da peregrinação.

O Capítulo 3 apresenta o percurso metodológico adotado, justificando as opções qualitativas assumidas e refletindo sobre a posição da investigadora enquanto peregrina e observadora participante.

No Capítulo 4 procede-se à apresentação e análise da "massa empírica" resultante das entrevistas e da observação participante, articulando as narrativas dos peregrinos com os conceitos teóricos mobilizados ao longo da investigação.

Por fim, o Capítulo 5 apresenta uma síntese reflexiva dos principais resultados, discutindo os contributos do estudo para as Ciências da Comunicação e para a compreensão das transformações contemporâneas da experiência peregrina na era digital.

CAPÍTULO 2

Enquadramento Teórico

2.1. O Caminho de Santiago entre tradição, espiritualidade e contemporaneidade

O Caminho de Santiago constitui uma das práticas de mobilidade simbólica e espiritual mais relevante da tradição cristã ocidental. Desde o século IX, quando se consolidou a devoção a São Tiago, a peregrinação a Compostela foi objeto de sucessivas reinvenções, acompanhando os diferentes contextos históricos, sociais e culturais (Turner & Turner, 1978). Ao longo dos séculos, esta reinvenção constante traduziu-se numa pluralidade de sentidos — religiosos, culturais, identitários e patrimoniais — que contribuíram para transformar o Caminho num espaço de significação coletiva, reconhecido pela UNESCO como Património da Humanidade e valorizado como itinerário cultural europeu. (Galicia, s.d.)

Rotas alternativas, como o Caminho da Geira e dos Arrieiros, têm vindo a afirmar-se como opções menos massificadas, frequentemente associadas, pelos próprios peregrinos, a uma experiência considerada “mais autêntica”.

Estas rotas revalorizam patrimónios locais, tradições comunitárias e paisagens culturais, oferecendo uma alternativa simbólica ao excesso de mercantilização de itinerários mais populares como o Caminho Francês (Frey, 1998). Segundo Singul (2006), estas vias desempenham igualmente um papel de “presença territorial”, permitindo que os peregrinos acedam a práticas comunitárias, memórias locais e elementos patrimoniais que reforçam o caráter singular da experiência. Neste sentido, rotas como a Geira e dos Arrieiros constituem contextos particularmente férteis para observar a relação entre tradição, inovação e territorialidade.

A literatura mais recente tem vindo a aprofundar esta tensão entre tradição e conectividade digital. Allen-Perkins (2025) propõe, neste contexto, o conceito de “liminaridade conectada” (connected liminality), defendendo que a peregrinação contemporânea já não exige uma rutura total com o quotidiano para produzir transformação espiritual. Contudo, esta perspetiva pode ser confrontada com abordagens mais críticas, que entendem a tecnologia como potencial ameaça à imersão espiritual. Para Csikszentmihalyi (1990, p. 4), a experiência de plenitude ocorre através do "flow—the state in which people are so involved in an activity that nothing else seems to matter" [fluxo — o estado no qual as pessoas estão tão envolvidas numa atividade que nada mais parece importar]. Aplicada ao Caminho, esta leitura permite compreender que a mediação constante pode fragmentar esse estado de fluxo.

Neste sentido, a "sociedade da transparência" de Han (2014, p. 23) constitui um desafio relevante, na medida em que a hiperconectividade tende a enfraquecer a "negatividade" do silêncio e do mistério

necessária à contemplação. Segundo o autor, "a transparência e a verdade não são idênticas" (Han, 2014, p. 19), e o excesso de informação pode comprometer a profundidade da experiência sagrada, transformando o ritual num processo acumulativo de dados.

A tradição jacobeia, todavia, não pode ser compreendida apenas como fenómeno religioso; resulta também de uma construção social e comunicacional que atravessou diferentes regimes mediáticos ao longo da história. Desde o manuscrito medieval do Códice Calixtino (Villaverde, 1997), passando pelas crónicas de viagem modernas, até às narrativas digitais contemporâneas, o Caminho tem sido continuamente produzido e difundido através de dispositivos de mediação que influenciam a forma como peregrinos se representam e como imaginam a própria experiência. Esta dimensão comunicacional é central para compreender a presença crescente das tecnologias digitais como parte integrante — e não meramente acessória — da peregrinação contemporânea. Como observa Jenkins (2008), vivemos num ecossistema de convergência mediática em que práticas narrativas, testemunhos pessoais, imagens e conteúdos participativos circulam entre diferentes plataformas, moldando identidades e expectativas. A experiência peregrina, ao ser partilhada em blogs, vídeos, redes sociais ou aplicações móveis, transforma-se num fenómeno simultaneamente espiritual, cultural e comunicacional.

Hoje, a peregrinação é vivida como prática cultural, espiritual, turística e introspetiva. A pluralidade de motivações reflete a diversidade de modos de viver o sagrado no mundo contemporâneo, onde as fronteiras entre religião, turismo e desenvolvimento pessoal se tornam cada vez mais permeáveis. Esta multiplicidade de sentidos confirma a análise de Eade e Sallnow (1992), para quem os lugares de peregrinação não possuem um significado fixo, mas funcionam como espaços de negociação simbólica onde diferentes grupos projetam as suas próprias expectativas e interpretações.

Eade e Sallnow (1992) salientam que os espaços de peregrinação constituem “arenas discursivas”, onde diferentes narrativas sobre o sagrado coexistem, competem e se influenciam mutuamente. Esta perspetiva permite compreender o Caminho como espaço polifónico, onde identidades religiosas, seculares e híbridas se cruzam. Assim, a vivência peregrina atual não pode ser reduzida a uma lógica binária entre turismo e religião; pelo contrário, deve ser entendida como um contínuo de práticas, motivações e significados que se entrelaçam ao longo do percurso. É precisamente neste ponto que a perspetiva de Eade e Sallnow (1992) dialoga com abordagens mais recentes sobre mediação digital: se o sagrado é objeto de negociação simbólica, então também a autenticidade pode ser pensada como realidade relacional e processual, e não como essência estável. Neste campo de negociação, a autenticidade é co-produzida através de domínios corporais e mediados, deixando de ser uma propriedade estática para se tornar um processo contínuo e relacional.

Ao mesmo tempo, a intensificação da mediatização da cultura transforma a forma como os indivíduos constroem e partilham a sua experiência peregrina (Hjarvard, 2013). Importa, contudo,

distinguir entre perspetivas centradas na mediatização e perspetivas centradas na mediação. Enquanto Hjarvard (2013) sublinha o modo como a lógica mediática reconfigura instituições e práticas culturais, Cardoso (2023) enfatiza a experiência contemporânea como resultado de múltiplas camadas de mediação em rede, isto é, como processo comunicacional que reorganiza a atribuição de sentido às práticas sociais. Esta distinção é relevante para o presente estudo, uma vez que permite pensar o Caminho não apenas como prática afetada pela presença dos media, mas como experiência construída através deles. Assim, a presença de dispositivos digitais durante o percurso — telemóveis, aplicações de navegação, grupos de *WhatsApp* ou partilhas em redes sociais — não representa apenas um elemento externo à caminhada; constitui também uma camada adicional de significação que interage com a corporeidade, a espiritualidade e a experiência simbólica dos peregrinos.

Além disso, a escolha de rotas menos massificadas, como a Geira e dos Arrieiros, tende a ser acompanhada por discursos de resistência à turistificação e por uma procura de autenticidade e simplicidade.

Nesta busca, a autenticidade contemporânea pode ser entendida não como rejeição da tecnologia, mas como gestão reflexiva da sua presença. Neste ponto, Allen-Perkins (2025) aproxima-se de Cardoso (2023), ainda que por vias distintas: o primeiro enfatiza a disciplina de atenção e a legitimidade da experiência ritual; o segundo sublinha a construção da experiência em rede. Em ambos os casos, a autenticidade deixa de ser pensada fora da mediação e passa a ser concebida no interior dela.

Esta procura de "autenticidade" dialoga com o imaginário coletivo de um Caminho mais silencioso, introspetivo e próximo da natureza, ainda que hoje mediado por dispositivos tecnológicos que moldam a forma como o percurso é vivido e narrado. Wang (1999) denomina este processo de autenticidade existencial, isto é, uma experiência subjetiva de autorrealização que não depende da ausência de tecnologia, mas da forma como cada peregrino constrói simbolicamente o seu Caminho. Neste sentido, a mediação digital pode coexistir com a busca de autenticidade, sendo integrada como ferramenta de suporte, memória ou expressão pessoal.

2.2. A autenticidade da experiência peregrina

O conceito de autenticidade é central nos estudos de turismo e peregrinação. Na literatura académica, a autenticidade tem sido abordada a partir de diferentes perspetivas teóricas que procuram explicar de que forma os indivíduos atribuem significado às experiências turísticas e peregrinas. MacCannell (1973) foi pioneiro ao sugerir que os turistas modernos procuram "experiências autênticas" como contraponto à artificialidade do quotidiano, entendendo a autenticidade em estreita relação com objetos, práticas e espaços socialmente encenados.

Wang (1999), por sua vez, desloca a análise da autenticidade dos objetos para a experiência, distinguindo entre autenticidade objetiva, autenticidade construtiva e autenticidade existencial. Se a primeira remete para a originalidade dos objetos e lugares, e a segunda para a produção social de sentidos partilhados, a terceira centra-se na experiência subjetiva de autorrealização e transcendência. Esta última é particularmente relevante no contexto da peregrinação, dado que muitos peregrinos associam o Caminho não apenas a símbolos religiosos, mas também a processos de autodescoberta. A autenticidade existencial, na perspetiva de Wang (1999), remete para estados de envolvimento pessoal profundo, frequentemente narrados pelos peregrinos como momentos de silêncio, superação física ou conexão espiritual, independentemente da "pureza" histórica do percurso ou da ausência de elementos turísticos.

No caso do Caminho de Santiago, a autenticidade surge como uma construção relacional: ora associada à fé e ao esforço corporal, ora às interações sociais e ao contacto direto com a paisagem. Rotas emergentes, como a Geira e dos Arrieiros, são frequentemente apontadas como espaços onde ainda se encontra essa autenticidade, justamente pela ausência de massificação turística. Esta perceção relaciona-se com discursos que opõem a "essência" da peregrinação — simplicidade, esforço, introspeção — às práticas tidas como turísticas, como o consumo acelerado de etapas, o excesso de infraestrutura comercial ou a híper-exposição digital. Contudo, diversos autores têm problematizado esta oposição, lembrando que a autenticidade é sempre construída e nunca uma essência fixa ou intocável (Cohen, 1988; Knudsen & Waade, 2010). Enquanto MacCannell enfatiza a encenação e Wang desloca o foco para a experiência vivida, Cohen (1988) e Knudsen & Waade (2010) mostram que a autenticidade é também produzida socialmente através de discursos, emoções, contextos e performances culturais.

Esta deslocação conceptual é particularmente útil para o presente estudo, uma vez que permite pensar a autenticidade no Caminho da Geira e dos Arrieiros não como pureza material do percurso, mas como processo negociado entre esforço físico, território, relação humana e mediação tecnológica. Neste sentido, o testemunho do peregrino e escritor Ferreira (2024) reforça a vivência de uma autenticidade simultaneamente corporal e mediada pela tecnologia, ao descrever a dureza da caminhada e a necessidade de recorrer ao GPS para não se perder, sem que isso anulasse a dimensão espiritual do percurso. O exemplo é relevante porque ilustra que as tecnologias digitais não eliminam necessariamente a autenticidade da experiência; em muitos casos, funcionam como ferramentas de continuidade, segurança e orientação, permitindo que o peregrino se entregue plenamente ao caminho. Estudos recentes sobre o Caminho (Amaro et al., 2018; Mazeda & Teixeira, 2020) confirmam que a presença de dispositivos digitais pode coexistir com vivências emocionalmente profundas e espiritualmente significativas.

Além disso, a autenticidade no Caminho deve ser compreendida também como performance social. Ao partilhar fotografias, escrever diários digitais ou publicar reflexões nas redes sociais, muitos peregrinos constroem publicamente a narrativa do seu percurso. Esta autoexpressão mediada não é necessariamente artificial; pelo contrário, pode reforçar a sensação de pertença a uma comunidade global de peregrinos e contribuir para um sentimento ampliado de autenticidade partilhada (Hjarvard, 2013; Jenkins, 2008).

Assim, no contexto do Caminho da Geira e dos Arrieiros, a autenticidade pode ser entendida como um processo relacional e situado, negociado entre tradição, esforço físico, relação com o território, interações sociais e práticas mediadas tecnologicamente. Nesta perspetiva, a autenticidade não corresponde a um estado puro ou imutável, mas a uma experiência em permanente reconstrução, produzida pelas escolhas, disposições e formas de habitar o Caminho por parte dos peregrinos.

Este enquadramento conceptual permite compreender a autenticidade não como ausência de mediação tecnológica, mas como resultado da forma como os peregrinos integram diferentes dimensões da experiência — corporal, espiritual, social e digital — na construção da sua jornada. É precisamente nesta articulação entre autenticidade e mediação digital que se inscreve a presente investigação.

No entanto, este processo de construção subjetiva da autenticidade é também tensionado pela lógica da hiper-realidade. Baudrillard (1991, p. 7) alerta para a "precessão dos simulacros", em que o mapa precede o território, permitindo problematizar o modo como a experiência peregrina pode ser parcialmente substituída pelo seu próprio simulacro digital. Quando o peregrino se centra excessivamente na produção de conteúdos para redes sociais, corre o risco de viver o Caminho como uma “reiteração do mesmo” (Baudrillard, 1991, p. 126), em que a imagem pode adquirir mais centralidade do que a própria presença física no trilho.

A autenticidade existencial proposta por Wang é, assim, tensionada pela “cultura da transparência”, que, nas palavras de Han (2014, p. 6), cria um “inferno do igual” ao eliminar a alteridade e a resistência do “Outro” — a natureza selvagem, a dificuldade física e o silêncio — elementos constitutivos da jornada.

2.3. Mediação digital e experiência: presença, ausência e prolongamento

As tecnologias digitais assumem hoje um papel estruturante na forma como as experiências humanas são vividas, representadas e partilhadas. Neste contexto, importa distinguir entre abordagens centradas na mediatização e abordagens centradas na mediação. Cardoso (2023, p. 295) define a mediatização como “um processo de significação e de produção de significados”, sublinhando que os

media não funcionam apenas como canais exteriores às práticas sociais, mas como elementos constitutivos da forma como a experiência contemporânea é vivida e interpretada. Se a mediatização tende a enfatizar o modo como a lógica dos media reconfigura práticas sociais e culturais (Hjarvard, 2013), a noção de mediação, em autores como Thompson (2005), Couldry (2012) e Cardoso (2023), permite pensar de forma mais fina os processos através dos quais os sujeitos vivem, prolongam e interpretam a experiência num ambiente tecnologicamente estruturado. Esta distinção é relevante para o presente estudo, uma vez que o seu foco não está apenas na influência sistémica dos media, mas na forma como os peregrinos apropriam dispositivos e plataformas na construção da sua experiência.

Neste quadro, a experiência no Caminho de Santiago revela-se como um espaço privilegiado para observar os modos como a mediação digital prolonga, intensifica ou transforma a vivência peregrina. Como sublinha Cardoso (2023, p. 87), "a experiência aumentada ocorre enquanto produto da articulação de diferentes camadas de mediação numa integração em rede". A partilha da caminhada, a produção de conteúdos e a autorrepresentação nas redes sociais configuram, assim, formas contemporâneas de viver, interpretar e comunicar o Caminho.

De igual modo, as tecnologias digitais oferecem oportunidades para os indivíduos redefinirem a sua identidade e explorarem novas formas de conexão social, "ao desenvolverem as suas habilidades digitais; ao se envolverem e participarem nas plataformas *online*, em comunidades virtuais; ao usarem novas formas de se conectarem com outras pessoas; ou através da partilha das suas próprias histórias e conhecimentos" (Cardoso, 2024, p. 398). Este potencial de transformação identitária amplia-se no contexto da peregrinação, onde o registo e a partilha digital funcionam como formas de memória, testemunho e pertença a uma comunidade global.

Allen-Perkins (2025) acrescenta a esta discussão a noção de *connected liminality* (liminaridade conectada), ao propor que a transformação espiritual pode coexistir com formas contínuas de conectividade. A sua proposta dialoga com Thompson (2005), na medida em que ambos recusam pensar a mediação como mera exterioridade técnica.

Neste sentido, Thompson (2005) sublinha que a comunicação mediada altera profundamente as condições da interação social. Como refere o autor: "mediated interaction is 'stretched' across space and may also be stretched out or compressed in time" [a interação mediada é 'esticada' no espaço e pode também ser estendida ou comprimida no tempo] (Thompson, 2005, pp. 32-33).

Esta dilatação temporal e espacial pode, porém, aproximar-se do que Turkle (2011, p. 1) define como estar "*Alone Together*" [Sós Juntos], uma condição em que a conectividade permanente pode ser confundida com comunicação autêntica.

A tecnologia, ao prometer conexão permanente, pode criar "bolhas de distração" que fragilizam a presença efetiva no território. Segundo Turkle (2011, p. 155), "being alone can start to seem like a

precondition for being together because it is easier to communicate if you can focus, without interruption, on your screen" [estar só pode começar a parecer uma pré-condição para estarmos juntos, porque é mais fácil comunicar se nos pudermos focar, sem interrupção, no nosso ecrã]. No Caminho, esta "presença ausente" pode limitar a capacidade do peregrino de habitar plenamente o espaço liminar.

Enquanto na interação presencial produtores e recetores partilham o mesmo enquadramento espácio-temporal, na interação mediada os contextos de produção e receção tendem a estar separados no espaço e, muitas vezes, também no tempo. Esta possibilidade de "esticar" a interação ajuda a compreender como os peregrinos podem permanecer ligados a redes sociais, familiares ou comunidades digitais mesmo enquanto percorrem fisicamente o Caminho.

No contexto da peregrinação, esta mediação manifesta-se de múltiplas formas: no uso de aplicações de georreferenciação e navegação, como o Wikiloc; na partilha em redes sociais; e na criação de comunidades virtuais de apoio. Estas práticas traduzem-se em modos de prolongar a experiência, ampliar o contacto com outros peregrinos e reforçar a sensação de pertença a um coletivo que ultrapassa o Caminho físico.

A articulação entre presença física e prolongamento digital é também visível nos testemunhos de peregrinos. Luís Ferreira (2024, p. 137), ao narrar a sua experiência no Caminho da Geira e dos Arrieiros, descreve esta articulação entre dificuldade física e necessidade de orientação digital:

> ...e cá vou novamente na estrada a sentir a dureza do solo, rodeado de mais pinheiros. Novo desvio, novo percurso de terra, desta vez, sem árvores próximas. As setas são cada vez mais escassas, por isso, tenho de consultar o GPS mais vezes para não me perder.

Esta passagem ilustra como, perante a escassez de sinais físicos, a tecnologia se torna recurso indispensável à continuidade da experiência, sem necessariamente anular a sua dimensão espiritual ou simbólica.

Neste sentido, a mediação digital não deve ser entendida apenas como ameaça à autenticidade, mas como camada adicional que interage com a corporeidade e a espiritualidade do Caminho. A questão central não reside na presença ou ausência de tecnologia, mas na forma como esta é apropriada e integrada pelos peregrinos na construção da sua jornada.

Do ponto de vista teórico, a literacia mediática surge como competência fundamental para compreender a apropriação da tecnologia pelos peregrinos. Segundo Livingstone (2004, p. 5), que cita Aufderheide (1993) e Christ e Potter (1998), a literacia mediática é definida como: "media literacy—indeed literacy more generally—is the ability to access, analyze, evaluate, and create messages in a variety of forms" [a literacia mediática — e a literacia em geral — corresponde à capacidade de aceder, analisar, avaliar e produzir mensagens em diferentes formatos]. No contexto da peregrinação, estas competências digitais são aplicadas à navegação, ao planeamento e à partilha da experiência,

permitindo que os peregrinos aprendam a lidar com tecnologia de forma prática e situada. Pereira et al. (2019, p. 45) reforçam esta ideia ao sublinhar que, mesmo sem oportunidades formais, "Despite few or even no opportunities in the classroom to learn about and with media, which constitute a daily component of their lives, young people learn with media through informal strategies" [Apesar de existirem poucas ou nenhumas oportunidades formais na sala de aula para aprender sobre os media, os jovens desenvolvem aprendizagens através de estratégias informais]. Estas práticas observam-se igualmente no Caminho de Santiago, onde peregrinos com diferentes níveis de literacia digital desenvolvem soluções criativas para superar obstáculos e enriquecer a sua vivência.

Para além disso, importa considerar a distinção proposta por Thompson (2005) entre "presença ampliada", "presença deslocada" e "presença mediada", conceitos que permitem compreender como o peregrino pode estar simultaneamente inserido no espaço físico da caminhada e conectado a outros espaços simbólicos através dos dispositivos digitais. Esta coexistência de presenças produz novas formas de envolvimento emocional e espiritual, nas quais a tecnologia não substitui o sagrado, mas contribui para reconfigurar o modo como o peregrino o vivencia.

Outro elemento relevante diz respeito ao potencial de simbolização da tecnologia. Em muitos testemunhos, o telemóvel, o GPS ou as aplicações de mapas são descritos como "companheiros de caminho", investidos de valor simbólico por assegurarem proteção, orientação e continuidade. Mais do que simples instrumentos, tornam-se mediações que acompanham o processo de transição e transformação vivido pelo peregrino.

Assim, no Caminho da Geira e dos Arrieiros, a mediação digital não deve ser vista como interferência externa, mas como componente intrínseca da experiência contemporânea, articulando segurança, memória, expressão identitária e conexão espiritual. A mediação torna-se, portanto, parte constitutiva da própria vivência do sagrado na contemporaneidade, configurando uma experiência híbrida entre corporeidade, simbolismo e tecnologia.

2.4. Peregrinação, turismo espiritual e mobilidades contemporâneas

A peregrinação, enquanto forma de mobilidade simbólica e espiritual, tem sido reinterpretada à luz das transformações do turismo e da cultura contemporânea. Eade e Sallnow (1992) demonstraram que os santuários são espaços de significados concorrentes, onde diferentes narrativas de sacralidade coexistem e, por vezes, entram em tensão. Esta leitura pluralista é essencial para compreender o Caminho de Santiago, que se tornou um lugar de encontro entre espiritualidade cristã, práticas de lazer, autoajuda e desenvolvimento pessoal. Neste contexto, a busca pela autenticidade surge como dimensão estruturante.

MacCannell (1973) interpreta o turismo moderno como procura de autenticidade, mas mantém a análise fortemente ligada à encenação social dos espaços e práticas. Wang (1999), ao distinguir entre autenticidade objetiva, construtiva e existencial, desloca a discussão para a experiência vivida, abrindo espaço para compreender o Caminho não apenas como cenário de autenticidade, mas como lugar de transformação subjetiva. Esta deslocação é particularmente relevante para a peregrinação contemporânea, onde a autenticidade se joga menos na pureza dos objetos e mais na intensidade da relação entre sujeito, território e sentido atribuído à jornada.

Assim, o chamado turismo espiritual pode ser entendido como campo híbrido, onde práticas religiosas e seculares se cruzam. A experiência do sagrado é vivida em formatos não convencionais, muitas vezes individualizados e mediados por tecnologias digitais. Tal como observa Cardoso (2023), a experiência contemporânea resulta da articulação de diferentes camadas de mediação em rede, o que ajuda a compreender de que forma a peregrinação hoje se expande para além da presença física, prolongando-se em partilhas digitais, redes de apoio *online* e memórias mediadas.

Deste modo, a relação entre peregrinação e turismo deve ser lida não como oposição binária, mas como um contínuo de motivações, práticas e sentidos, onde fé, espiritualidade, cultura, lazer e tecnologia se entrelaçam na construção da experiência peregrina contemporânea.

Neste quadro, a mobilidade contemporânea pode ser entendida não apenas como deslocação física, mas como circulação simbólica, comunicacional e afetiva, amplificada pelos dispositivos digitais que estruturam o quotidiano (Cardoso, 2024; Hjarvard, 2013).

No contexto do Caminho, estas práticas incluem o uso de aplicações de navegação, grupos *online* de apoio e partilhas constantes em redes sociais, elementos que Mazeda e Teixeira (2020) identificam como componentes centrais da experiência digital dos caminhantes. Esta combinação gera formas de "mobilidade espiritual" que articulam movimento corporal, introspeção e circulação mediada de significados.

Neste ponto, torna-se pertinente convocar a crítica de Hartmut Rosa (2013, p. 15) sobre a aceleração social. Rosa argumenta que vivemos uma "frenetic standstill" [paralisia frenética], em que o aumento da velocidade técnica não liberta tempo, mas gera uma escassez crónica. A mediação digital pode, neste sentido, introduzir no Caminho uma lógica de urgência e estímulo constante que contraria a lentidão e a "ressonância" intrínsecas ao ato de caminhar.

Além disso, as aplicações móveis que uniformizam pontos de interesse podem contribuir para o que Marc Augé (2005, p. 79) define como a proliferação de "não-lugares" — espaços de trânsito despojados de identidade e história, nos quais a singularidade do Caminho corre o risco de ser absorvida por uma estética de consumo globalizada.

Neste sentido, o Caminho da Geira e dos Arrieiros ilustra de modo particularmente claro esta convergência entre mobilidade física e mobilidade simbólica, ao combinar património histórico (vias

romanas, aldeias rurais, travessias de montanha) com práticas digitais de navegação, partilha e comunicação. Esta articulação configura um tipo de turismo espiritual que não rejeita necessariamente a tecnologia, mas a incorpora como parte da vivência estética, simbólica e identitária.

Importa ainda notar que, na sociedade contemporânea, a peregrinação e o turismo se inscrevem cada vez mais em lógicas de procura de sentido e realização pessoal, frequentemente atravessadas pela tensão entre autenticidade e mercantilização (Cohen, 1988). Estudos sobre perfis e motivações dos peregrinos, como o de Amaro, Antunes e Henriques (2018), mostram que muitos caminham movidos por combinações híbridas de espiritualidade, bem-estar, desafio pessoal e cultura, evidenciando a fluidez das identidades peregrinas contemporâneas.

Neste quadro, muitos peregrinos não se identificam plenamente com a categoria "turista", mas também não se reconhecem apenas como crentes tradicionais. Trata-se de identidades híbridas, fluidas, nas quais espiritualidade, bem-estar, aventura e experiência cultural coexistem sem conflito. Este fenómeno manifesta-se no Caminho, onde os discursos de muitos peregrinos oscilam entre a linguagem religiosa ("fé", "promessa", "graça") e a linguagem da autorrealização contemporânea ("conexão interior", "superação", "reencontro comigo mesma").

Assim, a peregrinação no Caminho da Geira e dos Arrieiros deve ser interpretada como prática situada no cruzamento entre tradição e modernidade, turismo e devoção, corporeidade e mediação digital. Esta complexidade reforça a necessidade de compreender a experiência peregrina não como evento unidimensional, mas como prática cultural profundamente enraizada na dinâmica das mobilidades contemporâneas.

2.5. A mediação das tradições e rituais na chegada a Santiago

A chegada a Santiago de Compostela representa, para muitos peregrinos, o momento culminante da jornada, carregado de simbolismo religioso, cultural e emocional. Como descreve Frey (1998), este instante é vivido como ritual de passagem: após dias ou semanas de caminhada, o ato de alcançar a Catedral, abraçar a imagem do Apóstolo e participar na chamada "missa do peregrino" assume a função de reconhecimento público da experiência.

Entre os símbolos mais marcantes da peregrinação encontra-se a credencial do peregrino, documento que acompanha a caminhada e regista, através dos carimbos, o percurso realizado (Raposo, 2025). A sua validação final permite a obtenção da Compostela, certificado que comprova a peregrinação e que se tornou elemento central de legitimação da experiência (Frey, 1998; Ducay, 2005). Também a vieira constitui um emblema tradicional: para além da sua historicidade medieval, representa a convergência de múltiplos caminhos num mesmo destino, simbolizando a unidade na diversidade.

Eade e Sallnow (1992) lembram que os lugares de peregrinação funcionam como espaços de polifonia, onde diferentes narrativas de fé e cultura coexistem. Tal pluralidade é visível na chegada a Santiago: para alguns, trata-se de culminar uma promessa religiosa; para outros, de celebrar um desafio físico ou uma procura interior. Em todos os casos, as práticas de partilha — como a troca de histórias entre peregrinos na Praça do Obradoiro, nos albergues ou nos cafés — prolongam o sentido de comunidade vivido no Caminho.

Neste contexto, os rituais de chegada não se reduzem a cerimónias religiosas, incluindo igualmente dimensões culturais e sociais, como a degustação da gastronomia local (tarte de Santiago, polvo à galega) e a manutenção do contacto com os companheiros através das redes digitais. Assim, a chegada a Compostela não marca apenas o fim de um percurso físico, mas também a transformação simbólica do peregrino, que leva consigo uma memória partilhada e, muitas vezes, uma nova identidade construída no e pelo Caminho.

Para além dos rituais formais, diversos estudos têm sublinhado a existência de "rituais contemporâneos", muitas vezes mediados digitalmente, que passaram a integrar a experiência da chegada. Entre estes encontram-se as fotografias perante a Catedral, as transmissões ao vivo nas redes sociais, os vídeos de agradecimento ou de balanço do percurso, e a publicação de mensagens de conclusão em comunidades digitais de peregrinos. Estes gestos, ainda que recentes, adquirem valor simbólico e funcionam como formas de reconhecimento público, prolongando a experiência para além da presença física na Praça do Obradoiro (Amaro et al., 2018).

O ato de documentar a chegada, seja através de vídeos, fotografias ou publicações, pode ser interpretado como um ritual de validação social que complementa — e não necessariamente substitui — os rituais tradicionais. Do ponto de vista simbólico, publicar a chegada equivale a inscrever-se num "arquivo coletivo" do Caminho, contribuindo para uma memória partilhada e globalizada da peregrinação (Jenkins, 2008).

Além disso, a sacralidade da chegada não é apenas religiosa, mas também estética e emocional. O momento em que o peregrino vê a Catedral pela primeira vez, muitas vezes descrito como "visão liminar", tem sido associado a experiências liminares de transição e *communitas* (Turner & Turner, 1978). Estas emoções profundas coexistem com práticas mediadas: muitos peregrinos registam esse instante em vídeo ou fotografia, articulando uma experiência espiritual com dispositivos tecnológicos que a estabilizam na memória.

Outro elemento que merece destaque é o papel do Botafumeiro, quando presente. A sua oscilação aérea, carregada de simbolismo histórico e ritual, funciona como performance pública da tradição jacobeia. Mesmo quando experienciado através de gravações partilhadas *online*, o Botafumeiro adquire uma função mediadora, permitindo que sujeitos ausentes participem digitalmente no ritual.

No caso do Caminho da Geira e dos Arrieiros, os relatos existentes sublinham que a chegada a Compostela é vivida como culminar de um percurso fisicamente exigente e emocionalmente intenso. A dificuldade desta rota reforça a perceção de conquista e autenticidade, o que torna os rituais de chegada ainda mais significativos, sejam eles tradicionais (missa, abraçar o Apóstolo) ou contemporâneos (partilha digital, fotografias, celebrações coletivas).

Assim, os rituais da chegada constituem um mosaico híbrido, no qual tradição e inovação coexistem. A performance da fé convive com a performance digital; a sacralidade medieval coexiste com a visibilidade *online*; e a comunhão física articula-se com comunidades virtuais. Esta coexistência não diminui necessariamente a autenticidade da experiência; pelo contrário, revela a forma como o Caminho é continuamente reinterpretado e reinscrito nos regimes mediáticos contemporâneos.

2.6. Considerações finais

O enquadramento teórico desenvolvido neste capítulo permite compreender a peregrinação contemporânea como uma prática multifacetada, atravessada por dimensões espirituais, culturais, turísticas e digitais. A literatura mostra que a experiência peregrina já não pode ser reduzida a uma lógica exclusivamente religiosa ou turística, devendo antes ser interpretada como um campo híbrido, no qual fé, lazer, autodescoberta e tecnologia se entrelaçam.

A articulação entre os conceitos de autenticidade, mediação digital e turismo espiritual estabelece a base conceptual necessária para analisar o Caminho da Geira e dos Arrieiros. Neste contexto, a autenticidade não se apresenta como essência estática, mas como construção simbólica e subjetiva, permanentemente negociada entre tradição e inovação, entre a corporeidade da caminhada e a mediação tecnológica das redes e dispositivos digitais.

Neste sentido, o enquadramento teórico fundamenta a pertinência do estudo e sustenta a posição analítica central desta dissertação: a autenticidade peregrina, no contexto da cultura digital, não é necessariamente anulada pela omnipresença tecnológica, mas simbolicamente negociada e reconfigurada num ecossistema comunicacional mediado.

Este enquadramento permite observar como os significados da peregrinação se reconstroem no encontro entre o corpo em movimento e o mundo digital em permanência, oferecendo o quadro interpretativo que orientará a investigação empírica.

Esta leitura articula-se com o conceito de “experiência aumentada” proposto por Cardoso (2023, p. 87), entendido como o processo contemporâneo de construção da experiência mediada através da integração em rede de diferentes camadas de mediação. No contexto da peregrinação, tal conceito permite compreender que a vivência do Caminho não se limita à dimensão física do percurso, mas se

estende às práticas comunicacionais, às redes sociais e aos dispositivos digitais que acompanham e estruturam a experiência.

Além disso, esta revisão teórica reforça a importância de compreender o Caminho como fenómeno de comunicação, no qual as experiências peregrinas são produzidas, partilhadas e reinterpretadas através de dispositivos simbólicos, materiais e digitais. A peregrinação não é apenas deslocação física, mas prática mediada que envolve circulação de narrativas, imagens, memórias e identidades (Jenkins, 2008; Hjarvard, 2013).

Do mesmo modo, os contributos dos estudos das mobilidades revelam que a viagem é inseparável dos seus enquadramentos tecnológicos e comunicacionais. As tecnologias digitais moldam não apenas a navegação e a orientação, mas também a forma como os peregrinos se conectam, se representam e atribuem sentido à sua própria jornada. Esta abordagem permite enquadrar o Caminho da Geira e dos Arrieiros como espaço onde mobilidades físicas, espirituais e digitais convergem, gerando novas formas de autenticidade e pertença.

Neste contexto, importa igualmente considerar a noção de "autenticidade mediada" (Cardoso, 2023, p. 214), que reconhece a autenticidade como atributo construído no interior dos processos comunicacionais em rede. Esta perspetiva reforça a ideia de que, na sociedade digital, a distinção entre o "real" e o "mediado" não se estabelece em termos dicotómicos, mas constitui parte integrante da própria experiência social contemporânea.

Por fim, o diálogo entre tradição e inovação atravessa todo este enquadramento teórico. O Caminho mantém a sua herança simbólica milenar — rituais, paisagens, imaginários, práticas corporais — mas integra também dinâmicas mediáticas contemporâneas que transformam o modo como os peregrinos experienciam, comunicam e perpetuam a sua caminhada. Esta coexistência confirma a necessidade de uma análise crítica que reconheça a peregrinação como prática viva, em constante reconstrução, e profundamente influenciada pelos regimes de mediação que caracterizam a sociedade digital.

Deste modo, assume-se como hipótese interpretativa que o digital pode atuar como camada adicional de significação, participando na reconfiguração simbólica da peregrinação. Contudo, esta perspetiva não é consensual nem isenta de tensão teórica.bSe alguns autores defendem que as tecnologias digitais podem integrar-se reflexivamente na experiência peregrina contemporânea (Allen-Perkins, 2025), outros alertam para o risco de fragmentação da atenção, performatividade excessiva e erosão das condições de silêncio, presença e liminaridade tradicionalmente associadas à peregrinação (Han, 2014; Turkle, 2011).

A experiência do Caminho emerge, assim, como um espaço de tensão permanente entre conectividade e desconexão, entre presença corporal e presença mediada, entre autenticidade experiencial e visibilidade digital. A investigação empírica que se segue procurará contribuir para este

debate, analisando de que forma os peregrinos gerem a sua atenção, regulam a presença dos dispositivos digitais e procuram preservar estados de imersão num contexto de conectividade permanente.

Nos capítulos seguintes, esta tensão será analisada a partir das narrativas e práticas dos peregrinos do Caminho da Geira e dos Arrieiros, procurando compreender como estes negociam as fronteiras entre espiritualidade, turismo, tradição e mediação digital, e de que modo essa negociação contribui para pensar as transformações contemporâneas da espiritualidade.

CAPÍTULO 3

Metodologia

Para assegurar a coerência entre a problemática, os objetivos e o enquadramento teórico, a tradução das questões de investigação em categorias analíticas encontra-se detalhada no Quadro de Operacionalização (cf. Anexo C). Esta ferramenta constituiu um instrumento metodológico central, garantindo transparência e rigor no processo de recolha e análise dos dados ao evidenciar a articulação entre teoria e empiria.

Como se demonstrará no Capítulo 4, esta estruturação permitiu a identificação de categorias consistentes, confirmadas através da saturação teórica alcançada ao longo das 25 entrevistas realizadas.

3.1. Opção epistemológica e abordagem qualitativa

Partindo do quadro conceptual anteriormente delineado, esta investigação inscreve-se no paradigma qualitativo, assumindo uma perspetiva interpretativa e compreensiva da realidade social. Parte-se do pressuposto de que a experiência peregrina é subjetiva, situada e culturalmente mediada; por conseguinte, torna-se fundamental compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos ao seu percurso no Caminho de Santiago, em particular à luz das transformações induzidas pela mediação digital.

A investigação qualitativa permite aceder às representações, práticas e discursos dos participantes, privilegiando a profundidade interpretativa em detrimento da generalização estatística. Esta opção metodológica possibilita explorar ambiguidades, contradições e nuances das experiências peregrinas, tal como são narradas e vividas pelos participantes.

Neste sentido, a escolha de uma abordagem interpretativa aproxima-se da tradição fenomenológica e hermenêutica dos estudos qualitativos, centrada na compreensão das perceções e significados atribuídos pelos próprios participantes (Creswell, 2014). A análise incidirá sobre a forma como os peregrinos constroem narrativas de autenticidade e espiritualidade, articulando dimensões corporais, simbólicas e digitais.

O estudo adota também um posicionamento epistemológico reflexivo, reconhecendo que o olhar da investigadora — enquanto peregrina e observadora participante — influencia o próprio processo de interpretação. Esta consciência permite assumir uma postura metodológica que valoriza a co-construção do conhecimento e a natureza dialógica da investigação qualitativa.

3.2. Técnicas de recolha de dados: entrevistas e observação participante

A combinação de entrevistas semiestruturadas e observação participante enquadra-se num modelo qualitativo orientado para a compreensão interpretativa dos fenómenos sociais. Creswell (2014) destaca que a articulação de diferentes técnicas de recolha permite captar a profundidade das experiências humanas, enquanto Quivy e Campenhoudt (1998) sublinham a importância da coerência metodológica entre objetivos, métodos e dispositivos de recolha. Esta complementaridade reforça a validade interpretativa do estudo, permitindo aceder simultaneamente às práticas observadas no terreno e às narrativas produzidas pelos participantes.

Neste estudo foram mobilizadas duas técnicas principais de recolha de dados: a entrevista semiestruturada e a observação participante.

As entrevistas permitiram aceder a relatos aprofundados dos peregrinos, explorando motivações, práticas, reflexões e perceções relacionadas com o uso das tecnologias no contexto do Caminho. Os guiões foram concebidos com base nos objetivos da investigação, sendo suficientemente flexíveis para permitir a exploração de tópicos emergentes.

A observação participante foi realizada pela investigadora durante a sua própria peregrinação pelo Caminho da Geira e dos Arrieiros, entre o final de janeiro e o início de fevereiro de 2025, na companhia de dois outros peregrinos. Esta experiência direta possibilitou o registo de notas de campo, impressões pessoais e observações etnográficas relacionadas com interações, gestos, espaços e usos tecnológicos ao longo do percurso.

Após a transcrição integral das entrevistas, o corpus foi submetido a um processo de codificação temática indutiva, inspirado nos princípios da Grounded Theory (Glaser & Strauss, 1967). Importa clarificar que não se procedeu a uma aplicação ortodoxa do modelo clássico, mas antes à apropriação dos seus mecanismos fundamentais, nomeadamente a comparação constante entre narrativas e a identificação progressiva de categorias emergentes, garantindo rigor interpretativo sem comprometer a flexibilidade necessária à compreensão dos sentidos atribuídos pelos participantes.

Este processo deu origem a categorias e subcategorias analíticas, posteriormente sistematizadas na Tabela de Codificação apresentada no Capítulo 4, a qual orientou a interpretação dos dados e a construção dos eixos analíticos que estruturam a análise empírica desenvolvida nesta investigação.

3.3. Seleção dos participantes e amostragem

A seleção dos participantes seguiu um critério de variação teórica intencional, procurando contemplar diferentes perfis de peregrinos em termos de idade, género, grau de literacia digital, religiosidade/espiritualidade e experiência prévia no Caminho, não tendo como objetivo a

representatividade estatística da população peregrina. A diversidade de níveis de literacia digital observada na amostra não é aleatória, refletindo as assimetrias persistentes no contexto português, onde as divisões digitais continuam fortemente marcadas por fatores geracionais e socioeconómicos (Lapa & Vieira, 2019). Pretendeu-se captar a diversidade de discursos e práticas que caracterizam a experiência peregrina contemporânea.

Embora o Caminho de Santiago seja composto por múltiplos itinerários, esta investigação centrou-se especificamente no Caminho da Geira e dos Arrieiros. Esta opção justifica-se por três razões principais: (i) tratar-se de um percurso relativamente recente e menos massificado, permitindo observar de forma mais nítida as tensões entre tradição e inovação; (ii) distinguir-se pelo forte enraizamento histórico e territorial, recuperando traçados romanos e memórias locais; e (iii) relacionar-se também com a experiência prévia da investigadora nesta rota, o que facilitou a observação participante e a criação de relações de confiança com os participantes.

Foram realizadas 25 entrevistas semiestruturadas a peregrinos que percorreram o Caminho da Geira e dos Arrieiros. O detalhe biográfico e profissional destes peregrinos encontra-se sistematizado na Matriz de Perfis (cf. Anexo D), onde se articulam dados como idade, perfil de fé e grau de literacia digital, este último inferido a partir das categorias profissionais indicadas.

O número de entrevistas foi definido progressivamente, tendo-se verificado a "saturação teórica**"** (Glaser & Strauss, 1967) à medida que os discursos começaram a revelar padrões recorrentes nas categorias analíticas centrais, nomeadamente no que respeita à mediação digital como instrumento de segurança e orientação, à construção simbólica da autenticidade e à diversidade de perfis de fé e motivação.

A amostragem teórica revelou-se particularmente adequada, uma vez que o objetivo da investigação não consistia em generalizar resultados, mas em compreender significados**,** tensões e variações discursivas na forma como os peregrinos experienciam e narram o Caminho. A diversidade intencional dos perfis permitiu comparar modos distintos de apropriação da tecnologia, bem como diferentes formas de negociação entre corporeidade, espiritualidade e mediação digital.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: (i) ter realizado o Caminho da Geira e dos Arrieiros; (ii) ter utilizado, em qualquer grau, tecnologias digitais durante o percurso; e (iii) aceitar participar voluntariamente na investigação. Não foram excluídos peregrinos com níveis reduzidos de literacia digital, considerando-se que esses perfis são essenciais para compreender as assimetrias de apropriação tecnológica no contexto do Caminho.

3.4. Considerações éticas e reflexividade

A investigação qualitativa exige uma atenção constante às dimensões éticas, assegurando transparência, respeito pelos participantes e proteção dos seus dados. Creswell (2014) salienta a importância de informar claramente os participantes sobre os objetivos do estudo, os procedimentos envolvidos e os seus direitos, incluindo a possibilidade de desistir a qualquer momento, sem prejuízo. Do mesmo modo, Quivy e Campenhoudt (1998) reforçam que a integridade científica depende da garantia de confidencialidade e do uso responsável da informação recolhida.

Todos os participantes foram informados dos objetivos do estudo, da confidencialidade dos dados e do direito de desistir a qualquer momento. Foi solicitado consentimento informado aos participantes, recolhido por escrito nas entrevistas presenciais e obtido oralmente nas entrevistas realizadas à distância, assegurando-se que os dados recolhidos seriam utilizados exclusivamente para fins académicos.

No plano ético, optou-se pela utilização sistemática de pseudónimos na identificação dos participantes, garantindo a anonimização das narrativas recolhidas. Embora alguns entrevistados não tenham manifestado objeção à identificação direta, foi adotado o princípio da anonimização como procedimento metodológico de rigor, procurando proteger a identidade dos participantes e assegurar uma análise mais distanciada dos testemunhos. A única exceção refere-se ao autor Luís Ferreira, cuja identificação se justifica pela relevância da sua obra publicada sobre o Caminho de Santiago enquanto fonte documental complementar para esta investigação.

No que respeita à caracterização sociodemográfica dos participantes, importa referir que o nível de escolaridade não foi objeto de uma pergunta direta no guião de entrevista. Ainda assim, foi possível inferir indiretamente o nível de qualificação de alguns participantes a partir das profissões indicadas durante as entrevistas (por exemplo, engenheiros, gestores ou quadros técnicos), permitindo contextualizar os seus níveis de literacia digital e de apropriação tecnológica.

A composição etária da amostra revela, igualmente, uma predominância de peregrinos entre os 40 e os 60 anos. Esta distribuição pode estar relacionada com as características específicas do Caminho da Geira e dos Arrieiros, uma rota marcada por maior exigência física e menor infraestrutura turística, que tende a atrair peregrinos com maior experiência prévia de caminhada e preparação física.

A reflexividade constitui uma das dimensões mais sensíveis desta investigação, uma vez que não ocupo o lugar de uma observadora neutra. Sou, eu própria, uma peregrina que percorreu os trilhos do CGA entre janeiro e fevereiro de 2025. Esta condição de "*insider*", de quem conhece a dureza do Gerês e a solidão das etapas da Galiza interior, funcionou simultaneamente como recurso e desafio analítico (Creswell, 2014).

Enquanto investigadora-peregrina, a minha presença no terreno facilitou a criação de laços de confiança e empatia com os entrevistados, permitindo aceder a narrativas que, de outro modo, poderiam permanecer na esfera do privado. Contudo, esta proximidade exigiu um esforço deliberado de "desfamiliarização" (Glaser & Strauss, 1967). Foi necessário exercer uma vigilância interpretativa constante para evitar que a minha própria vivência emocional do Caminho condicionasse a escuta das narrativas ou conduzisse à projeção das minhas interpretações sobre os discursos dos participantes.

Deste modo, a análise aqui apresentada não pretende constituir um espelho da minha jornada, mas o resultado de um diálogo crítico em que procurei manter o distanciamento necessário para "ouvir o silêncio" dos dados.

Assumi uma postura crítica face às minhas próprias convicções utilizando a codificação sistemática para garantir que cada conclusão estivesse ancorada na "massa empírica" das entrevistas e não apenas na minha memória sensorial do percurso.

3.5. Limitações do estudo

Como qualquer investigação qualitativa de natureza interpretativa, o presente estudo apresenta um conjunto de limitações que importa explicitar, não como fragilidades metodológicas, mas como condições inerentes ao desenho adotado e ao próprio objeto de análise.

Em primeiro lugar, a investigação baseia-se numa amostra não representativa, composta por 25 peregrinos do Caminho da Geira e dos Arrieiros. Os resultados obtidos não permitem generalizações estatísticas para o universo dos peregrinos do Caminho de Santiago, devendo antes ser interpretados à luz do contexto específico desta rota e dos perfis entrevistado. No entanto, esta limitação é compensada pela profundidade analítica e pela riqueza narrativa dos discursos recolhidos, adequadas aos objetivos de uma investigação qualitativa.

Uma segunda limitação prende-se com o recorte geográfico e simbólico do estudo, centrado exclusivamente no Caminho da Geira e dos Arrieiros. Embora esta opção permita uma análise aprofundada das dinâmicas de autenticidade e mediação digital num percurso menos massificado, limita a comparação direta com outras rotas mais institucionalizadas, como o Caminho Francês ou o Caminho Português Central. Ainda assim, este foco constitui uma escolha analítica consciente e coerente com a problemática da investigação.

Importa igualmente referir que a heterogeneidade dos perfis entrevistados constituiu um desafio analítico relevante. A diversidade de idades, níveis de literacia digital, orientações religiosas, espirituais ou seculares e experiências prévias no Caminho implica um esforço interpretativo acrescido na articulação dos discursos. Contudo, esta pluralidade foi assumida como elemento central da

amostragem teórica e revelou-se fundamental para a identificação de padrões, contrastes e sentidos emergentes.

Uma limitação particularmente relevante diz respeito à posicionalidade da investigadora, que já realizou previamente o Caminho da Geira e dos Arrieiros. Esta proximidade ao terreno e ao objeto de estudo constitui simultaneamente um recurso e um desafio metodológico. Por um lado, facilitou o acesso ao campo, a criação de relações de confiança com os participantes e a compreensão contextual das narrativas. Por outro, exige um exercício permanente de reflexividade, de modo a evitar projeções interpretativas ou naturalização de experiências pessoais. A adoção de uma postura reflexiva contínua, explicitada ao longo do capítulo metodológico, procurou mitigar este risco.

Por fim, importa salientar que a análise apresentada no Capítulo 4 resulta de um processo interpretativo situado, dependente do corpus empírico recolhido, das escolhas analíticas efetuadas e do enquadramento teórico mobilizado. Outras leituras e interpretações seriam possíveis a partir do mesmo material, o que reforça a natureza construtiva e não determinista do conhecimento produzido.

Apesar destas limitações, considera-se que o estudo oferece um contributo relevante para a compreensão das transformações contemporâneas da experiência peregrina, ao evidenciar como a mediação digital é negociada pelos peregrinos enquanto condição de acesso, segurança e construção de sentido num contexto de procura de autenticidade e espiritualidade no Caminho da Geira e dos Arrieiros.

CAPÍTULO 4

Apresentação e Análise dos Dados

4.1. Introdução

Este capítulo constitui o núcleo interpretativo da investigação, no qual a "massa empírica" resultante das 25 entrevistas é articulada com as tensões teóricas discutidas anteriormente. O detalhe biográfico e o mapeamento dos participantes foi remetido para a Matriz de Perfis (cf. Anexo D), permitindo que a análise se centre na densidade dos discursos, nos contrastes entre perfis e nas ambivalências da experiência peregrina contemporânea. A análise seguiu um processo de codificação temática indutiva, inspirado nos princípios da Grounded Theory (Glaser & Strauss, 1967), cujas categorias analíticas e indicadores de saturação se encontram sistematizados na Matriz de Codificação Temática (cf. Anexo E). Esta matriz orienta a interpretação, desenvolvida nos pontos seguintes, resultando de uma análise progressiva onde a saturação teórica foi atingida por volta da 20.ª e 21.ª entrevistas, momento em que a recorrência de padrões discursivos permitiu consolidar as categorias centrais.

A interpretação dos dados organiza-se em torno de quatro eixos temáticos centrais: (i) a mediação digital enquanto instrumento de apoio, segurança e continuidade da experiência; (ii) a construção simbólica da autenticidade; (iii) as tensões entre tradição e inovação na vivência do Caminho; e (iv) a relação entre peregrinação, turismo espiritual e construção identitária. Esta estrutura analítica procura articular os objetivos de investigação, o enquadramento teórico e o dispositivo metodológico, procurando assegurar a coerência interpretativa entre categorias empíricas emergentes com conceitos centrais como autenticidade (Wang, 1999), mediação digital (Cardoso, 2023), liminaridade (Turner & Turner, 1978) e mobilidades espirituais e comunicacionais. A análise que se segue procura evidenciar não apenas padrões dominantes, mas também contrastes, tensões internas e ambivalências, sugerindo caminhos para compreender como os peregrinos negociam a sua experiência entre corporeidade, espiritualidade e mediação digital, com atenção à complexidade da experiência contemporânea no contexto específico do Caminho da Geira e dos Arrieiros.

4.2. Perfis empíricos dos peregrinos entrevistados

A análise baseia-se em 25 entrevistas semiestruturadas a peregrinos que percorreram o Caminho da Geira e dos Arrieiros (CGA). O detalhe biográfico, profissional, de fé e de literacia digital dos participantes encontra-se sistematizado na Matriz de Perfis (cf. Anexo D). Esta matriz não visa uma caraterização estatística, mas oferece o enquadramento descritivo necessário para apoiar a interpretação dos resultados nas secções seguintes.

Esta amostra caracteriza-se por uma forte heterogeneidade geracional (41-72 anos) e por uma diversidade significativa de níveis de literacia digital e perfis de fé (religiosos, espirituais, ateus e seculares). Esta pluralidade permitiu identificar variações nos modos de apropriação tecnológica e nos sentidos atribuídos à autenticidade, privilegiando a profundidade interpretativa (Glaser & Strauss, 1967). No que respeita ao perfil de fé, importa sublinhar a categoria analítica "secular", construída *a posteriori* a partir dos discursos dos entrevistados. Esta designa participantes que, não se identificando com motivações religiosas ou espirituais, atribuem sentido à peregrinação enquanto desafio físico, experiência cultural e contacto humano. Esta diferenciação revelou-se fundamental para compreender como as posições sobre a tecnologia variam entre perfis e, nalguns casos, no interior do próprio discurso de alguns participantes.

4.3. A tecnologia como companheira, obstáculo ou extensão da experiência

Os dados sugerem que a mediação digital, centrada no *smartphone* e em aplicações como o Wikiloc, não é vivida como fenómeno acessório, mas como um elemento que reconfigura a própria estrutura da jornada. As narrativas apontam para uma utilização marcada por ambivalências, na qual o dispositivo oscila entre a função de "âncora de segurança" e o risco de se tornar uma "bolha de distração" (Turkle, 2011) que fragmenta o estado de *flow* (Csikszentmihalyi, 1990) necessário à imersão espiritual. A recorrência deste tema ao longo das entrevistas evidencia uma "liminalidade conectada" (Allen-Perkins, 2025), na qual a atenção do peregrino habita uma "estrutura de relevância" que oscila entre a experiência vivida (presença corporal no trilho) e a experiência mediada (monitorização técnica) (Thompson, 2005).

A interpretação sugere que os peregrinos com maior literacia digital tendem a revelar uma relação mais autónoma e estratégica com os dispositivos, procurando um "êxito negocial" na preservação do silêncio, enquanto os participantes com menor familiaridade digital tendem a utilizá-los de forma estritamente instrumental e, em alguns casos, dependente. No caso específico do CGA, caracterizado por fraca sinalização física e longos troços isolados, a mediação digital assume particular relevância enquanto condição prática de viabilidade da experiência. Todavia, esta dependência técnica reconfigura a experiência tradicional de autonomia e confiança; ao eliminar o risco do erro através do ecrã, a técnica pode retirar ao percurso parte da sua "negatividade" constitutiva — o mistério e a resistência do território — que Han (2014) considera essenciais para a profundidade da experiência sagrada.

4.3.1. A tecnologia como mediadora de segurança e orientação

As narrativas sugerem que a mediação digital, centrada no *smartphone* e em aplicações de navegação, constitui um dos eixos de maior convergência discursiva, funcionando como uma condição de viabilidade da própria jornada no CGA. A escassez de sinalização física consistente é amplamente referida, levando os peregrinos a atribuir ao suporte tecnológico um valor que transcende a mera conveniência. Esta indispensabilidade é sintetizada em relatos que descrevem a tecnologia como um recurso vital: Luís (E16) admite ter instalado o Wikiloc por necessidade absoluta; Adrenunes (E22) considera o dispositivo "indispensável hoje" e Zema (E25) reforça que, perante as ambiguidades do traçado, a aplicação se revelou "essencial". Esta convergência entre perfis distintos sugere que a tecnologia não é experienciada como um luxo, mas como o instrumento que permite a navegação num território marcado pelo isolamento e pela irregularidade da sinalética.

À luz da proposta de Thompson (2005), esta centralidade instrumental revela a existência de uma "estrutura de relevância" em que a atenção do peregrino oscila entre a experiência vivida — enraizada na presença corporal no trilho — e a experiência mediada, que o situa num espaço de monitorização técnica. Felício (E21) e João (E19) corroboram este carácter instrumental, sublinhando que o uso do dispositivo se focou "sobretudo na orientação" e na "geolocalização".

Todavia, a interpretação das narrativas permite sustentar que esta dependência técnica reconfigura a experiência tradicional de autonomia e risco. Ao reduzir a ansiedade associada à perda de percurso, a tecnologia assegura a continuidade, mas pode simultaneamente fragilizar a "negatividade" da resistência do território — o mistério e o imprevisto que Han (2014) considera essenciais para a profundidade da experiência sagrada. Esta mediação não ocorre de forma idêntica: enquanto peregrinos com literacia digital elevada evidenciam maior autonomia, participantes com menor familiaridade manifestam uma dependência mais intensa destas ferramentas. Apesar da valorização funcional, as narrativas apontam para uma tensão latente. Mesmo os participantes que reconhecem a tecnologia como condição de possibilidade da jornada manifestam reservas quanto ao seu impacto na qualidade da experiência, revelando uma relação simultaneamente pragmática e crítica com o digital. A observação participante confirmou esta ambivalência: em troços de sinalização ambígua, a consulta do dispositivo emergia como prática recorrente, mesmo entre peregrinos que defendiam o ideal de uma presença plena e despojada de ecrãs.

4.3.2. A tecnologia como obstáculo potencial à imersão, ao silêncio e ao estado de *Flow*

As narrativas sugerem que a mediação digital introduz uma tensão latente entre a necessidade instrumental e a qualidade fenomenológica da experiência peregrina. Para Csikszentmihalyi (1990), o estado de "*flow*" exige uma imersão tal na atividade que "nada mais parece importar", assentando numa fusão entre ação e consciência. Contudo, a interpretação dos discursos permite sustentar que a presença constante do *smartphone* pode introduzir estímulos que fragmentam esta imersão sensorial.

Pedro (E24) expressa esta preocupação ao descrever como o Caminho deve ser um momento para se "libertar da tecnologia", criticando a postura daqueles que caminham "o tempo todo com o nariz enfiado no *smartphone*". Para este peregrino, a obsessão pelo ecrã impede o contacto com a "natureza bruta" e a contemplação do imprevisto, como o avistamento de águias ou lobos, que constituem a essência da jornada.

Esta resistência à tecnologia pode ser interpretada à luz da crítica de Han (2014, p. 23) à "sociedade da transparência", na qual a hiperconectividade tende a destruir a "negatividade" do silêncio e do mistério necessária à contemplação espiritual. Peregrinos como Jó (E12) adotam estratégias de disciplina de atenção, mantendo o dispositivo em silêncio para ouvir antes "o som do rio e o vento", procurando evitar o que Turkle (2011, p. 155) define como estar "*Alone Together*" [Sós Juntos], uma condição de "presença ausente" em que a atenção é sequestrada pelo digital em detrimento do território. Deste modo, a interpretação sugere que a autenticidade não surge como um estado dado, mas como um "êxito negocial" que exige uma gestão ativa contra a aceleração social e o excesso de estímulos (Rosa, 2013). Adrenunes (E22) exemplifica esta autorregulação imediata ao relatar uma tentativa de ouvir música: "tentei música (fones), mas 'não é para o caminho', desliguei logo". Este episódio ilustra a procura de uma "liminaridade conectada" (Allen-Perkins, 2025), na qual a legitimidade do ritual é preservada através de um julgamento prático sobre qual a conduta sensorial mais adequada ao contexto sagrado.

Em suma, as narrativas permitem sustentar que a tecnologia não é intrinsecamente um obstáculo, mas pode tornar-se um elemento de disrupção quando não é objeto de regulação consciente. A autenticidade existencial (Wang, 1999) constrói-se, assim, como o resultado de uma ética de presença e discernimento, onde a soberania da jornada é mantida não pela ausência técnica, mas pela capacidade reflexiva de gerir a própria "presença mediada".

4.3.3. A tecnologia como extensão simbólica da experiência

Para além da sua função instrumental de orientação e logística, a tecnologia surge nas narrativas como extensão simbólica da experiência peregrina, sobretudo no plano da memória, da partilha e da construção narrativa do percurso. Vários entrevistados referem explicitamente que os registos digitais: fotografias, vídeos e publicações, funcionam como forma de prolongar o Caminho para além do momento vivido.

Fernando (E23) afirma de forma clara: "Em recordação. Guardar as fotos, ver os resumos que fazia no final do dia… tudo isso, mais tarde, em termos de memória, torna-se engraçado. Revive-se o Caminho." Também Zema (E25) destaca esta dimensão memorial: "Os telemóveis digitais permitem um registo muito mais rico, com muitas fotos e vídeos; isso ajuda a manter viva a memória do caminho, mesmo anos depois."

De forma semelhante, Maria (E20) sublinha que, embora a essência da experiência não dependa do registo digital, as imagens ajudam a recuperar detalhes específicos: “As fotos ajudam a recordar esses detalhes, mas o mais importante, para mim, são as sensações de que me lembro.”

Pedro (E24) introduz uma reflexão mais ampla sobre a transformação do registo visual na era digital, ao afirmar: “O telefone não é muito mais do que isso. Mas hoje o *smartphone* é uma ferramenta muito poderosa.”

No seu caso, o *smartphone* foi utilizado não apenas para registo pessoal, mas para produção de um documentário, transformando a experiência individual numa narrativa pública. Esta utilização aponta para uma reconfiguração da peregrinação enquanto experiência comunicável, editável e partilhável.

Também Fernando (E23) sublinha a dimensão relacional da mediação digital, ao referir: “Há uma coisa que valorizo muito: o intercâmbio e a interação com os outros peregrinos. E aí a tecnologia também entra, porque ajuda a manter o contacto e a partilha.”

A tecnologia, neste contexto, não aparece como ruído ou distração, mas como mecanismo de prolongamento da comunidade peregrina para além do espaço físico do Caminho.

Importa salientar que esta função de extensão simbólica não é exclusiva dos peregrinos com literacia digital elevada. Ainda que os perfis mais autónomos revelem maior diversidade de usos narrativos e memoriais, também participantes com literacia digital média reconhecem a importância das fotografias e dos vídeos na consolidação e revisitação da experiência.

Em suma, as narrativas dos peregrinos da Geira sugerem que a mediação digital pode funcionar como mecanismo de prolongamento do ritual. Esta dimensão evidencia que a mediação digital não atua apenas no momento da experiência, mas também na sua posterior reconstrução narrativa, prolongando a vivência peregrina no tempo e no espaço social.

4.3.4. Integração do eixo: mediação digital e experiência enquanto hibridez negociada

Os dados sugerem que a mediação tecnológica, no Caminho da Geira e dos Arrieiros (CGA), não constitui uma camada acessória, mas um elemento estruturante que articula dimensões de segurança, silêncio e memória. A interpretação das narrativas permite sustentar que o digital é integrado de forma pragmática e relacional, configurando uma "liminalidade conectada" (Allen-Perkins, 2025) em que a experiência se joga entre dois polos: a mediação técnica indispensável e o risco de superficialização da jornada.

As narrativas apontam para um paradoxo central: a segurança proporcionada pelo GPS parece viabilizar a imersão sensorial ao reduzir a ansiedade da orientação, mas, simultaneamente, reconfigura a experiência tradicional de autonomia e risco. A partir de Thompson (2005), pode considerar-se que o peregrino habita uma “estrutura de relevância” onde a sua atenção oscila permanentemente entre dois polos: a experiência vivida, enraizada na presença corporal e sensorial no trilho, e a experiência

mediada, que desvincula o sujeito do seu enquadramento local imediato para o situar num espaço de monitorização técnica. Do mesmo modo, a tecnologia que potencialmente distrai pode também permitir o prolongamento da experiência através da memória digital e da partilha.

Neste eixo instrumental, observa-se uma convergência nos discursos sobre a indispensabilidade do ecrã face à irregularidade da sinalização física. Para Luís Ferreira (E15), o GPS é uma condição de viabilidade: "Sem o GPS, não fazia este Caminho. Não é uma questão de conforto, é mesmo para não me perder." Contudo, esta dependência pode também ser lida à luz da crítica de Han (2014, p. 19), para quem "a transparência e a verdade não são idênticas", sugerindo que a eliminação do erro e do desvio através da técnica pode retirar ao percurso a sua "negatividade" constitutiva, isto é, o mistério e a resistência do território que historicamente marcaram a experiência peregrina.

Paralelamente, as narrativas revelam uma luta constante pela preservação do "*flow*" ou estado de imersão. Para Csikszentmihalyi (1990, p. 4), o fluxo ocorre quando o sujeito está "so involved in an activity that nothing else seems to matter" [tão envolvido numa atividade que nada mais parece importar]. A autorregulação descrita por Jó (E12): "Eu uso o telemóvel só quando preciso. Durante o dia tento não mexer, para não quebrar o silêncio", constitui uma estratégia de defesa contra o que Turkle (2011, p. 155) define como estar "*Alone Together*" [Sós Juntos]. O risco, sugerido pelas narrativas, é que as "bolhas de distração" digitais comprometam a ressonância (Rosa, 2013) com a natureza e com o eu interior.

Finalmente, a tecnologia atua como extensão simbólica da memória. Fernando (E23) afirma que, através dos registos, "revive-se o Caminho", e Zema (E25) nota que o digital "ajuda a manter viva a memória do caminho, mesmo anos depois". No entanto, a análise permite ponderar se esta curadoria digital não se aproxima da "precessão dos simulacros" de Baudrillard (1991), na medida em que a representação da jornada nas redes sociais, através de likes, imagens e visibilidade, corre o risco de se tornar mais real do que a própria vivência física no trilho.

Em síntese, os dados permitem sustentar que a mediação tecnológica no CGA configura uma “liminalidade conectada” (Allen-Perkins, 2025), na qual a experiência se joga na negociação entre a mediação instrumental (segurança/orientação), o risco de fragmentação (ameaça ao *flow*) e a extensão simbólica (memória). Os resultados sugerem que a autenticidade no Caminho da Geira e dos Arrieiros se aproxima da noção de autenticidade existencial de Wang (1999), mas revelam que esta não constitui um estado dado, tratando-se antes de um “êxito negocial”. Esta hibridez exige que o peregrino contemporâneo deixe de ser um mero utilizador passivo para se tornar um gestor reflexivo da sua atenção, mobilizando uma disciplina ética para navegar entre a necessidade técnica e a profundidade ritual. Deste modo, a tecnologia não anula o sagrado, mas reconfigura a autonomia e a confiança do sujeito, transformando a autenticidade num processo relacional entre a “experiência

vivida" e a "experiência mediada" (Thompson, 2005) sugerindo que a "inovação da tradição" é um processo marcado por uma tensão permanente.

4.4. A autenticidade como construção simbólica e relacional: a tensão do simulacro

A interpretação das narrativas sugere que a autenticidade da experiência no Caminho da Geira e dos Arrieiros (CGA) não é percecionada como uma essência fixa nem como realidade dependente exclusivamente da originalidade material do percurso. As narrativas apontam, antes, para uma construção processual, simbólica e situada, negociada no cruzamento entre esforço físico, relação com o território e mediação digital.

Contudo, esta construção é marcada por tensões permanentes. Se, por um lado, os peregrinos procuram o que Wang (1999, pp. 351-352) define como autenticidade existencial, um estado em que os indivíduos "feel they themselves are much more authentic and more freely self-expressed than in everyday life" [sentem que eles próprios são muito mais autênticos e se expressam mais livremente do que na vida quotidiana], por outro, esta busca pode ser tensionada pela hiper-realidade associada às dinâmicas de representação digital. Neste sentido, a interpretação dos dados permite questionar, na linha de Baudrillard (1991, p. 7), se a experiência não estará a ser atravessada pela "precessão dos simulacros", na medida em que a representação digital — fotografias, publicações e likes — pode tornar-se mais central do que a própria vivência física no trilho.

Os resultados sugerem que a autenticidade no CGA não depende necessariamente da ausência de mediação, mas da intensidade do envolvimento subjetivo. Todavia, a análise deve ponderar a crítica de Han (2014, p. 23) sobre a "sociedade da transparência", onde a coação da visibilidade destrói a "negatividade" do silêncio e do mistério constitutivo do sagrado.

As duas dimensões da autenticidade existencial de Wang (1999) — intrapessoal (introspeção) e interpessoal (comunhão) — são reconhecíveis nos discursos, mas surgem sob tensão. A dimensão intrapessoal enfrenta o desafio do "eu narcisista" (Han, 2014), em que o peregrino se foca mais na autoexposição do que na descoberta interior. Por sua vez, a dimensão interpessoal é tensionada pela condição de estar "*Alone Together*" [Sós Juntos] (Turkle, 2011, p. 1), onde a ilusão de conexão digital pode empobrecer a presença real e a "ressonância" (Rosa, 2013) com os outros e com o território.

No contexto do Caminho da Geira e dos Arrieiros, a autenticidade manifesta-se, em primeiro lugar, como experiência intrapessoal de superação e presença corporal. A dificuldade do percurso, a escassez de serviços e a exigência física são frequentemente mobilizadas como marcadores simbólicos de autenticidade. Rui Santos (E11) afirma que o Caminho "tem de doer" para ter valor, associando o sofrimento físico a uma forma de legitimação da experiência**.** Esta perspetiva alinha-se com a noção

de “autenticidade ascética”, onde a dureza física, o esforço e a renúncia funcionam como mecanismos práticos que validam a jornada como uma experiência genuína e profunda para o sujeito. De modo semelhante, Luís descreve a autenticidade como possibilidade de caminhar em “calma, sossego e reflexão”, sublinhando a importância da baixa densidade humana e da imersão na paisagem.

Paralelamente, a autenticidade constrói-se também na dimensão interpessoal. Hélder (E17) destaca a hospitalidade espontânea e a figura dos chamados “Anjos do Caminho” como elemento central da vivência autêntica. Fernando reforça esta dimensão relacional ao afirmar que valoriza “o intercâmbio e a interação com os outros peregrinos”, sublinhando que o Caminho se faz tanto na interioridade como na partilha.

Importa salientar que esta construção existencial da autenticidade não implica a rejeição da tecnologia. A autenticidade não depende da ausência de mediação digital, mas da forma como esta é integrada de modo consciente e não intrusivo. Como refere Zema (E25), a tecnologia foi “claramente companheira”, sem “tomar conta” da experiência. Neste sentido, a autenticidade existencial proposta por Wang (1999) permite compreender que a experiência autêntica não reside na pureza material do percurso, nem depende exclusivamente da preservação histórica do traçado ou da ausência de mediação tecnológica. Pelo contrário, a autenticidade emerge da intensidade do envolvimento experiencial do sujeito, sendo ativada na prática da caminhada, na superação física, na introspeção e na relação com os outros.

No contexto contemporâneo, esse envolvimento ocorre frequentemente num ambiente comunicacional mediado. Como refere Cardoso (2023, p. 6), “a mediação designa como o processo comunicativo decorre”, sendo hoje amplamente estruturado através de dispositivos digitais e ecrãs. Assim, a mediação não constitui um elemento exterior à experiência, mas a forma através da qual os processos comunicacionais se organizam.

Aplicado ao Caminho da Geira e dos Arrieiros, este enquadramento permite interpretar o *smartphone*, o GPS ou as aplicações de navegação não como ameaças à autenticidade, mas como dispositivos que organizam a experiência, viabilizando a orientação, a segurança e a continuidade da caminhada.

Paralelamente, a dimensão da memória reforça esta articulação. Quando os peregrinos registam fotografias, vídeos ou partilham relatos nas redes sociais, participam num processo de arquivo digital que ultrapassa a mera conservação documental. Como sublinha Cardoso (2023, p. 50), o arquivo digital “não é só um registo”, pois a sua apropriação e recuperação contribuem para moldar a própria memória do sujeito e a forma como este se apresenta a terceiros. No contexto do Caminho, esta dinâmica não elimina a autenticidade da experiência, mas prolonga-a no tempo, reinscrevendo-a em narrativas pessoais e coletivas.

Os dados empíricos recolhidos sustentam esta articulação teórica. A maioria dos entrevistados não associa a autenticidade à ausência de tecnologia, mas sim à qualidade do envolvimento vivido. Também neste domínio emergem diferenças entre perfis de fé: enquanto os peregrinos com orientação religiosa tendem a articular a autenticidade com entrega, sacrifício e sentido espiritual da caminhada, os perfis espirituais e seculares enfatizam mais frequentemente a superação pessoal, a relação com o território e a dimensão experiencial do percurso. Zema refere que a tecnologia foi "claramente companheira", sem "tomar conta" da experiência; Felício afirma que a autenticidade está no "pôr um pé à frente do outro"; Fernando valoriza sobretudo "o intercâmbio e a interação com os outros peregrinos". Estas narrativas sugerem que a autenticidade não é necessariamente anulada pela mediação digital, mas construída na forma como esta é integrada de modo consciente e situado. Também aqui a observação participante permitiu reforçar a análise, ao mostrar que a dependência pontual do dispositivo não impedia, necessariamente, experiências de silêncio, esforço e introspeção, mas antes coexistia com elas num equilíbrio prático e por vezes instável.

4.5. Entre a tradição e a inovação: discursos e práticas

A análise das entrevistas sugere que a experiência no Caminho da Geira e dos Arrieiros é vivida num espaço de permanente negociação entre tradição e inovação. Esta tensão não surge como uma oposição rígida, mas como um campo dinâmico onde práticas históricas, rituais simbólicos e tecnologias contemporâneas coexistem e se reconfiguram ao longo da caminhada.

Para muitos peregrinos, a tradição jacobeia constitui um referencial identitário relevante. Elementos como o esforço físico, a simplicidade material, o contacto direto com a paisagem e a memória histórica do percurso são mobilizados como marcadores de continuidade com um imaginário ancestral da peregrinação. Peixe, ao valorizar a permanência do traçado romano e a integridade histórica do percurso, associa a autenticidade à sua ancoragem territorial e temporal, remetendo para uma ideia de tradição enquanto herança material e simbólica.

De igual modo, Rui Santos (E11) articula a tradição com uma vivência religiosa explícita, afirmando que o Caminho "tem que doer" para ter valor. Neste discurso, o sofrimento físico surge como forma de legitimação da experiência, aproximando-se de uma matriz clássica de sacrifício e entrega, onde a corporeidade é elemento constitutivo da peregrinação.

Contudo, estas referências à tradição não implicam, necessariamente, rejeição da inovação tecnológica. Pelo contrário, a maioria dos entrevistados reconhece que a mediação digital se tornou parte integrante da prática peregrina contemporânea, sobretudo numa rota como a Geira e dos Arrieiros, caracterizada por sinalização irregular e exigência territorial elevada. A utilização de GPS e

aplicações de navegação surge como resposta pragmática às condições do terreno, sem que tal seja percecionado como rutura com o espírito do Caminho.

Henriques (E5) explicita esta coexistência ao sugerir que a inovação tecnológica pode, paradoxalmente, preservar o território. Ao reduzir a necessidade de sinalização física excessiva ou de infraestruturas invasivas, a mediação digital permite manter o percurso menos intervencionado.

A inovação manifesta-se também nas práticas comunicacionais associadas ao Caminho. A partilha de fotografias, relatos e reflexões em redes sociais, blogs ou grupos de *WhatsApp* constitui uma extensão das formas tradicionais de testemunho peregrino. Chalmas (E3), ao produzir conteúdos digitais com rigor histórico, exemplifica esta reinvenção da tradição narrativa, transpondo para o ambiente digital uma prática ancestral de registo e transmissão da experiência.

Observa-se, assim, uma transformação dos rituais de validação, memória e testemunho. Se, historicamente, a credencial e a Compostela funcionavam como principais dispositivos de reconhecimento da peregrinação, hoje coexistem com práticas digitais, como a publicação da chegada ou a manutenção de redes de contacto entre peregrinos após o término da caminhada.

Importa sublinhar que a tensão entre tradição e inovação não é vivida de forma uniforme. Alguns peregrinos, como Jó (E12), defendem a limitação do uso do telemóvel para preservar o silêncio e a introspeção, enquanto outros, como Lima, valorizam a tecnologia enquanto instrumento de memória e partilha. Esta diferença torna-se mais visível quando se comparam perfis de utilização tecnológica distintos: os mais autorregulados tendem a enfatizar a contenção do uso, ao passo que outros perfis reconhecem mais claramente o potencial comunicacional e memorial dos dispositivos digitais. A inovação tecnológica, por sua vez, não surge apenas como elemento disruptivo, mas como mediação que reorganiza práticas, ritmos e formas de relação, sem eliminar a densidade simbólica do percurso.

Esta coexistência sugere que a inovação tecnológica não substitui a tradição, mas reconfigura as suas formas de expressão, permitindo a continuidade da experiência peregrina em novos contextos comunicacionais.

4.6. Peregrinação e turismo espiritual: entre o sagrado e o pessoal

A análise das entrevistas sugere que o Caminho da Geira e dos Arrieiros é vivido como um espaço plural de significados, onde a peregrinação se situa num contínuo entre o sagrado institucional, a espiritualidade individualizada e experiências de natureza pessoal, cultural ou física.

Entre os 25 entrevistados, emergem diferentes perfis de relação com a fé. Alguns participantes enquadram explicitamente a sua experiência numa matriz religiosa. Rui Santos (E11) associa a dureza do percurso à dimensão de sacrifício e entrega, afirmando que o Caminho “tem que doer”,

aproximando-se de uma lógica de peregrinação penitencial. Também Adrenunes (E22) se identifica como religioso, sublinhando a ligação entre escutismo, fé e caminhada.

Outros entrevistados afastam-se de uma identificação religiosa institucional, mas descrevem o Caminho como experiência profundamente espiritual. Salgueiro (E7) refere que o Caminho funciona como metáfora da própria vida, enquanto Zema (E25) admite que, embora a religiosidade não tenha sido o motor inicial, a espiritualidade "foi crescendo com os caminhos". Nestes casos, a espiritualidade surge como dimensão subjetiva, ligada à introspeção, à conexão com a natureza e ao silêncio.

Paralelamente, a amostra inclui participantes que rejeitam explicitamente qualquer enquadramento religioso ou espiritual. Felício (E21) afirma: "Não sou religioso nem espiritual", atribuindo à peregrinação um sentido predominantemente físico e territorial. Para este peregrino, a autenticidade reside no desafio corporal e no contacto direto com a paisagem, demonstrando que a experiência pode ser intensa e significativa mesmo na ausência de transcendência religiosa.

Esta pluralidade dialoga com a proposta de Eade e Sallnow (1992), segundo a qual a peregrinação deve ser entendida como "arena discursiva", onde diferentes interpretações do sagrado coexistem e competem sem que uma se imponha como dominante. No contexto do CGA, não se verifica hierarquização entre motivação religiosa, espiritual ou secular; o Caminho acolhe múltiplas leituras, que se sobrepõem e dialogam. Ainda assim, a comparação entre perfis permite identificar diferenças de ênfase: os religiosos associam mais frequentemente o Caminho à entrega e ao sacrifício, os espirituais à introspeção e transformação interior, e os seculares ao desafio físico, à paisagem e à experiência relacional.

É neste enquadramento que o conceito de turismo espiritual se revela particularmente pertinente do ponto de vista analítico. Muitos entrevistados rejeitam o rótulo de "turista", associando-o à massificação e à superficialidade, mas também não se identificam plenamente com a figura tradicional do peregrino penitencial. Importa sublinhar que a mediação digital não parece anular esta dimensão espiritual ou pessoal. Pelo contrário, como evidenciado nos subcapítulos anteriores, a tecnologia funciona frequentemente como condição de possibilidade da experiência. A utilização de aplicações de navegação permite aceder a um território menos infraestruturado; os grupos de *WhatsApp* ativam redes de hospitalidade; os registos digitais prolongam a memória da caminhada. Neste sentido, a mediação digital integra-se na experiência sem eliminar a dimensão existencial descrita por Wang (1999), podendo, em determinadas circunstâncias, reforçar a dimensão interpessoal da autenticidade existencial. Assim, a peregrinação no Caminho da Geira e dos Arrieiros configura-se como prática situada entre o sagrado institucional e o pessoal experiencial. A fé pode estar presente, mas não é condição necessária para a vivência intensa do Caminho.

Esta pluralidade sugere que a experiência peregrina contemporânea deve ser entendida como campo híbrido, onde diferentes regimes de sentido coexistem, sendo a mediação digital um dos elementos que contribuem para essa reconfiguração.

4.7. Tipologia interpretativa dos peregrinos face à mediação digital

A análise comparativa das 25 entrevistas semiestruturadas, articulada com a observação participante realizada pela investigadora, permitiu identificar diferentes formas de apropriação da tecnologia digital no Caminho da Geira e dos Arrieiros. Embora cada peregrino apresente características singulares e, por vezes, elementos de mais do que um perfil, foi possível construir uma tipologia interpretativa baseada em tendências dominantes observadas nas narrativas.

Esta tipologia não pretende classificar rigidamente os participantes, nem reduzir a complexidade da experiência peregrina a categorias estanques. Pelo contrário, corresponde a uma construção analítica inspirada na lógica dos tipos ideais, permitindo sintetizar padrões recorrentes de relação com a tecnologia, com a autenticidade e com a própria experiência do Caminho.

A tipologia completa encontra-se sistematizada na Matriz Analítica da Tipologia de Peregrinos (cf. Anexo F), tendo sido identificados quatro perfis principais: (i) Peregrinos Conectados Reflexivos; (ii) Peregrinos da Desconexão Intencional; (iii) Peregrinos Instrumentais Pragmáticos; e (iv) Peregrinos Narradores Memorialistas.

4.7.1. Peregrinos Conectados Reflexivos

Os Peregrinos Conectados Reflexivos caracterizam-se por integrar a tecnologia na experiência peregrina de forma consciente e regulada. Reconhecem a utilidade do GPS, das aplicações de navegação e dos meios de comunicação digital, mas procuram limitar a sua utilização aos momentos considerados necessários. Nestes casos, a autenticidade não é entendida como incompatível com a tecnologia. Pelo contrário, os participantes defendem que os dispositivos digitais podem coexistir com a espiritualidade, a introspeção e a experiência sensorial do Caminho, desde que não assumam um papel dominante.

Entre os exemplos mais representativos encontram-se Fernando (E23), Zema (E25) e Salgueiro (E7), cujas narrativas evidenciam uma gestão consciente da presença digital, procurando preservar momentos de silêncio, contemplação e contacto com a natureza.

4.7.2. Peregrinos da Desconexão Intencional

Os Peregrinos da Desconexão Intencional associam a autenticidade à redução deliberada dos estímulos digitais. Embora não rejeitem totalmente a utilização da tecnologia, tendem a utilizá-la apenas em situações consideradas indispensáveis, privilegiando o contacto direto com o território, o silêncio e a experiência corporal da caminhada.

Para estes participantes, o Caminho representa uma oportunidade de afastamento das rotinas digitais do quotidiano, sendo frequentemente descrito como espaço de desaceleração, introspeção e reencontro consigo próprios. Pedro (E24), Jó (E12) e Rui Santos (E11) constituem exemplos particularmente representativos deste perfil, defendendo uma utilização mínima dos dispositivos digitais e valorizando a imersão sensorial no percurso.

4.7.3. Peregrinos Instrumentais Pragmáticos

Os Peregrinos Instrumentais Pragmáticos utilizam a tecnologia sobretudo como ferramenta funcional. O GPS, o Wikiloc e o telemóvel são encarados como instrumentos de orientação, segurança e logística, sem que lhes seja atribuído um significado simbólico particularmente relevante. Nestes casos, a autenticidade encontra-se associada ao desafio físico, à concretização do percurso e à capacidade de ultrapassar os obstáculos da caminhada. A tecnologia surge como suporte prático que facilita a realização do Caminho, mas não constitui elemento central da experiência.

Felício (E21), Adrenunes (E22), Manuel Pinto (E6) e Peixe (E1) ilustram este perfil, valorizando sobretudo a funcionalidade dos dispositivos digitais no contexto específico do Caminho da Geira e dos Arrieiros.

4.7.4. Peregrinos Narradores Memorialistas

Os Peregrinos Narradores Memorialistas valorizam particularmente a dimensão narrativa e memorial da experiência. A tecnologia é utilizada para registar, documentar e partilhar o percurso através de fotografias, vídeos, relatos escritos ou publicações em plataformas digitais. Nestes casos, o Caminho prolonga-se para além da caminhada física, sendo reconstruído posteriormente através da memória digital e da partilha pública da experiência. A autenticidade não reside apenas no momento vivido, mas também na capacidade de preservar, comunicar e revisitar as experiências acumuladas ao longo do percurso. Entre os participantes que mais se aproximam deste perfil encontram-se Lima (E4), Luís Ferreira (E15) e Rick (E13), cujas narrativas evidenciam uma forte valorização do registo e da memória digital.

4.7.5. Discussão comparativa da tipologia

A comparação entre os quatro perfis evidencia que a principal diferença entre os peregrinos não reside na simples utilização ou não utilização da tecnologia, mas na forma como esta é integrada na experiência peregrina. Enquanto alguns participantes privilegiam a regulação consciente da presença digital, outros procuram minimizar a sua utilização ou utilizam-na sobretudo como instrumento funcional. Por sua vez, os narradores memorialistas atribuem à tecnologia um papel central na construção e prolongamento da memória do Caminho.

Esta diversidade confirma que a mediação digital não produz efeitos homogéneos sobre a experiência peregrina. Pelo contrário, a autenticidade emerge como construção relacional e situada, sendo negociada de forma distinta pelos diferentes perfis identificados.

4.8. Integração analítica dos resultados empíricos

A análise desenvolvida ao longo deste capítulo, complementada pela tipologia interpretativa apresentada anteriormente (cf. Anexo F), permitiu identificar padrões recorrentes nas narrativas dos 25 peregrinos entrevistados no Caminho da Geira e dos Arrieiros. Os quatro perfis identificados evidenciam que a autenticidade não depende da presença ou ausência da tecnologia, mas da forma como cada peregrino a integra, regula e atribui significado no contexto da sua experiência.

Os dados recolhidos sugerem que a tecnologia digital — particularmente o smartphone e as aplicações de navegação, como o GPS e o Wikiloc — desempenha um papel central, mas relacional e contextual, na experiência dos peregrinos nesta rota específica. Num território caracterizado por fraca sinalização física e exigência orográfica significativa, a mediação digital surge como instrumento essencial de orientação e segurança, funcionando, no caso desta rota, como condição prática de viabilidade da própria peregrinação. Contudo, essa utilização revela-se marcada por ambivalências, oscilações e estratégias diferenciadas de regulação, através das quais os peregrinos procuram preservar o silêncio, a introspeção e a imersão sensorial associados à caminhada. No plano simbólico, os resultados sugerem que a autenticidade da experiência peregrina se aproxima da noção de autenticidade existencial proposta por Wang (1999). A autenticidade emerge sobretudo na intensidade do envolvimento experiencial, manifestando-se na superação física, na relação com o território e na interação com outros peregrinos. A diversidade de perfis de fé — religiosos, espirituais, ateus e seculares — reforça a natureza plural da experiência peregrina contemporânea. Apesar da diversidade de motivações iniciais, os entrevistados convergem na valorização do esforço físico, da hospitalidade e da dimensão relacional do Caminho. Neste contexto, a mediação digital não é maioritariamente percecionada como elemento que comprometa a autenticidade da experiência. Pelo contrário, quando utilizada de forma consciente e funcional, pode contribuir para viabilizar a caminhada, reforçar a segurança e prolongar a memória da experiência.

Deste modo, os resultados obtidos permitem responder à questão de investigação, sustentando que a autenticidade no Caminho da Geira e dos Arrieiros não é anulada pela mediação digital, mas construída de forma negocial, situada e relacional, através de práticas concretas de integração, regulação e interpretação da tecnologia. Esta negociação traduz-se em diferentes formas de relação com o digital — mais instrumentais, mais reflexivas ou mais distanciadas — evidenciando que a experiência peregrina contemporânea se constrói na articulação entre tradição, corporeidade, espiritualidade e mediação digital, num quadro relacional e dinâmico.

CAPÍTULO 5

Conclusões

5.1. Síntese dos principais resultados

A presente dissertação procurou compreender de que forma a mediação digital se articula com os sentidos e significados de autenticidade na experiência peregrina no Caminho de Santiago, com especial incidência no Caminho da Geira e dos Arrieiros (CGA). Os resultados obtidos sugerem que a mediação digital não é experienciada de forma homogénea, assumindo antes configurações múltiplas e situadas, que desafiam visões puramente tecnofóbicas ou tecnofílicas. No caso específico do CGA, o *smartphone* e as aplicações de navegação (GPS/Wikiloc) emergem, de forma consistente, como mediadores de segurança indispensáveis face à escassez de sinalização física. Contudo, a interpretação das narrativas permite sustentar que esta dependência técnica reconfigura a experiência tradicional de autonomia e risco. Como se discutiu, a redução do imprevisto através do ecrã pode retirar ao Caminho parte da sua "negatividade" constitutiva, o mistério e a resistência do território que, segundo Han (2014), são essenciais para a profundidade da experiência espiritual. Os discursos revelam que os peregrinos habitam aquilo que, ao longo desta investigação, foi conceptualizado como uma "liminalidade conectada" (connected liminality), onde a transformação pessoal não exige uma rutura total com o mundo em rede. Nestas condições, a autenticidade deixa de surgir como essência estática para se tornar um "êxito negocial" (negotiated achievement), construído na gestão reflexiva da atenção entre a "experiência vivida" (presença física) e a "experiência mediada". Esta gestão manifesta-se através de estratégias de autodisciplina digital, em que os peregrinos silenciam dispositivos para preservar estados de "*flow*" (Csikszentmihalyi, 1990) e evitar as "bolhas de distração" que, segundo Turkle (2011), criam uma "presença ausente" e empobrecem a ligação real ao território. Os resultados sugerem que a autenticidade se constrói sobretudo como autenticidade existencial (Wang, 1999), embora esta busca enfrente a possibilidade da "precessão dos simulacros" (Baudrillard, 1991), onde a preocupação com o registo e a performance para as redes sociais corre o risco de se tornar mais real do que a própria caminhada. A análise dos dados permitiu igualmente identificar diferentes formas de apropriação da mediação digital, sistematizadas numa tipologia interpretativa composta por quatro perfis: os Peregrinos Conectados Reflexivos, os Peregrinos da Desconexão Intencional, os Peregrinos Instrumentais Pragmáticos e os Peregrinos Narradores Memorialistas. Esta tipologia evidencia diferentes estratégias de relação com a tecnologia, revelando formas distintas de construção da autenticidade peregrina. Paralelamente, os perfis de fé — religiosos, espirituais, ateus e seculares — reforçam a pluralidade da experiência peregrina contemporânea. Enquanto os participantes com orientação religiosa tendem a valorizar mais o sacrifício e a entrega espiritual, os

perfis espirituais e seculares enfatizam sobretudo a relação com a natureza, a superação pessoal e a dimensão experiencial do percurso. Por fim, a dimensão relacional do Caminho surge ampliada pelas tecnologias, contribuindo para uma forma de *communitas* mediada. No entanto, esta conexão digital é também regulada pelos peregrinos para que não se transforme numa aceleração social (Rosa, 2013) que anule a lentidão e a introspeção intrínsecas ao ritual.

Em suma, a resposta à questão de investigação sugere que a autenticidade não é anulada pela mediação digital, mas permanentemente negociada. A experiência peregrina contemporânea afirma-se como uma prática híbrida, na qual corporeidade, espiritualidade e mediação digital coexistem numa tensão dinâmica. Os diferentes perfis de peregrinos identificados demonstram que não existe uma única forma de viver a autenticidade no Caminho, mas múltiplas formas de a construir e interpretar num contexto marcado pela conectividade permanente.

5.2. Contributos do estudo

O principal contributo desta dissertação reside na aplicação da noção de "liminalidade conectada" (Allen-Perkins, 2025) em rotas jacobeias menos institucionalizadas. O estudo permite compreender que o Caminho de Santiago se configura, hoje, como uma prática ritual híbrida, na qual a corporeidade e a "presença mediada" (Thompson, 2005) coexistem numa tensão produtiva. Deste modo, o trabalho contribui para revisitar os modelos clássicos de peregrinação, demonstrando que a transformação espiritual não exige a rutura total com o quotidiano, mas depende de uma gestão reflexiva da atenção. A investigação sugere que a autenticidade no Caminho da Geira e dos Arrieiros (CGA) não corresponde a uma essência pré-digital, mas a uma construção relacional e situada, produzida no cruzamento entre o esforço físico, a experiência vivida e as formas contemporâneas de mediação tecnológica. Ao fazê-lo, o estudo problematiza leituras dicotómicas que opõem espiritualidade e tecnologia, propondo uma leitura da autenticidade enquanto processo dinâmico de construção de sentido. Do ponto de vista metodológico, o trabalho evidencia a pertinência da abordagem qualitativa e interpretativa para captar a complexidade das práticas contemporâneas. A integração da reflexividade pessoal — enquanto investigadora e peregrina — permitiu conferir maior densidade experiencial à análise, evidenciando como o esforço de desfamiliarização do objeto facilitou a identificação de tensões e ambivalências nos perfis de fé. Do ponto de vista empírico, a investigação reúne dados ainda pouco explorados sobre o CGA. Demonstra-se que, num território marcado por fraca sinalização, a mediação digital (GPS/Wikiloc) assume uma função central de orientação e segurança, condicionando simultaneamente as formas de relação dos peregrinos com o território. Ao reduzir a necessidade de sinalética física invasiva através do recurso a trilhos digitais, a tecnologia pode auxiliar na preservação da identidade "selvagem" do percurso, evitando que este se torne um "não-lugar" (Augé, 2005) de

consumo massificado. Em termos disciplinares, o estudo inscreve a peregrinação jacobeia no campo dos estudos da comunicação enquanto fenómeno mediatizado. Simultaneamente, propõe uma tipologia interpretativa dos peregrinos face à mediação digital composta pelos Conectados Reflexivos, Peregrinos da Desconexão Intencional, Instrumentais Pragmáticos e Narradores Memorialistas, que permite compreender diferentes formas de articulação entre tecnologia, autenticidade e experiência peregrina. Esta proposta constitui um contributo original da investigação e um instrumento analítico suscetível de ser mobilizado em futuros estudos sobre peregrinação, turismo espiritual e mediação digital. Em última análise, a dissertação evidencia que a inovação da tradição no Caminho de Santiago não resulta da substituição do passado pela tecnologia, mas da forma como os peregrinos integram, regulam e atribuem significado às mediações digitais na sua experiência.

5.3. Limitações e possibilidades futuras de investigação

Apesar dos contributos apresentados, este estudo possui limitações inerentes ao seu desenho metodológico adotado. A amostra, embora diversificada e construída a partir de critérios de heterogeneidade, não é representativa do universo total de peregrinos do Caminho de Santiago, pelo que os resultados não permitem generalizações estatísticas. Contudo, a saturação teórica atingida nas 25 narrativas permite uma profundidade interpretativa adequada ao paradigma qualitativo (Creswell, 2014), permitindo identificar padrões recorrentes de apropriação tecnológica. A análise encontra-se circunscrita ao contexto específico do Caminho da Geira e dos Arrieiros, limitando a comparação direta com outras rotas mais massificadas, onde a lógica do "não-lugar" (Augé, 2005) e a turistificação podem apresentar contornos de mediação digital distintos. A proximidade da investigadora ao terreno constitui igualmente uma condição ambivalente. Se, por um lado, facilitou o acesso ao campo e a criação de laços de confiança, por outro exigiu um exercício contínuo de reflexividade para evitar projeções interpretativas. Esta condição de "investigadora-peregrina" exigiu um esforço deliberado de desfamiliarização do objeto, transformando a vivência pessoal num recurso crítico para identificar as tensões e ambivalências nas narrativas dos participantes. Embora esta proximidade tenha enriquecido a contextualização da análise, também implicou um esforço permanente de vigilância interpretativa na articulação entre a experiência própria e os discursos dos outros.

Futuras investigações poderão aprofundar a comparação entre diferentes itinerários do Caminho de Santiago, explorar longitudinalmente o impacto da mediação digital na memória peregrina ou analisar o papel das plataformas digitais na construção pública da imagem do Caminho enquanto destino espiritual e turístico global. Outra linha de investigação pertinente consiste em analisar diferenças entre práticas de partilha “em tempo real” e partilha diferida (pós-caminho), considerando implicações de privacidade, segurança e construção narrativa. Seria igualmente pertinente explorar

como os peregrinos gerem a sua disciplina de atenção para preservar estados de imersão ("*flow*") em percursos com maior densidade tecnológica e infraestrutura. Importa ainda compreender até que ponto a centralidade do digital reconfigura a autonomia e o sentido de risco que historicamente definiam a peregrinação jacobeia.

5.4. Consideração final: reflexões de uma jornada entre o ecrã e o trilho

Num contexto social marcado pela crescente digitalização da experiência, a peregrinação ao Caminho de Santiago revela-se como uma prática viva, plural e em constante reinvenção. Tal como o próprio Caminho se constrói por etapas, desvios e momentos de silêncio, também esta dissertação se foi construindo como um percurso interpretativo sobre a condição peregrina na era digital. Longe de constituir apenas um resquício do passado, o Caminho emerge como um espaço privilegiado de negociação contemporânea entre tradição e inovação, corporeidade e mediação, silêncio e comunicação. Enquanto investigadora e peregrina, esta investigação permitiu-me compreender que o Caminho da Geira e dos Arrieiros (CGA) funciona como espaço privilegiado de observação da "liminalidade conectada" (Allen-Perkins, 2025). Os dados sugerem que a autenticidade não se opõe à tecnologia, mas constrói-se na forma como os peregrinos habitam o percurso e regulam os seus dispositivos. No entanto, este processo não é isento de riscos: a "sociedade da transparência" analisada por Han (2014) e o perigo de estarmos "*Alone Together*" [Sós Juntos] (Turkle, 2011) atravessam o trilho como possibilidades que podem fragmentar a imersão profunda (*flow*) necessária à transformação espiritual. Uma das principais aprendizagens deste estudo reside na compreensão de que a autenticidade no CGA é, de facto, um "êxito negocial" (Wang, 1999). A mediação digital, quando integrada de forma consciente, funciona como uma extensão da experiência que amplia a segurança e a memória. Todavia, como sustenta Allen-Perkins (2025), a sacralidade contemporânea parece exigir que o peregrino cultive uma reflexividade ética sobre o seu modo de navegar entre ecrãs e silêncio. A autenticidade parece residir, em última análise, na capacidade de integrar as ferramentas digitais sem que estas substituam a presença corporal e a "ressonância" (Rosa, 2013) com o território.

Em suma, a mediação digital não nega a autenticidade; reconfigura-a. Ao olhar retrospetivamente para as 25 entrevistas recolhidas, torna-se evidente que o digital atua simultaneamente como suporte, mediação e objeto de regulação. No caso específico do CGA, a tecnologia permite preservar a identidade "selvagem" da rota, ao mesmo tempo que liga o peregrino a redes de hospitalidade humana que Thompson (2005) definiria como uma interação mediada que "estica" o sentido de comunidade. Conclui-se, assim, que inovar a tradição no Caminho de Santiago corresponde a um exercício permanente de equilíbrio: um exercício constante de gestão da atenção para que, entre uma notificação e um passo, o peregrino preserve a soberania da sua própria jornada.

Referências Bibliográficas

Allen-Perkins, D. (2025). Sacred yet connected? How contemporary pilgrims construct digital authenticity on the Camino de Santiago. *Social Sciences, 14 (11)*, 634-654. https://doi.org/10.3390/socsci14110634

Amaro, S., Antunes, A., & Henriques, C. (2018). A closer look at Santiago de Compostela's pilgrims through the lens of motivations. *Tourism Management, 64*, 271-280. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.09.007

Augé, M. (2005). *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade.* (M. S. Pereira, Trad.) 90 Graus.

Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação.* (M. J. Pereira, Trad.) Relógio D'Água.

Cardoso, G. (2023). *A Comunicação da comunicação. As pessoas são a mensagem.* Mundos Sociais.

Cardoso, G. (2024). *A nova comunicação* (1.ª ed.). Almedina.

Cohen, E. (1988). Authenticity and commoditization in tourism. *Annals of Tourism Research, 15 (3)*, 371-386. https://doi.org/10.1016/0160-7383(88)90028-X

Couldry, N. (2012). *Media, society, world: Social theory and digital media practice.* Polity Press.

Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens* (3.ª ed.). (S. M. Rosa, Trad.) Penso.

Csikszentmihalyi, M. (1990). *Flow: The psychology of optimal experience.* Harper & Row.

Ducay, M. D. (2005). *Los caminos de Santiago. Arte, Historia y Literatura.* Zaragoza: Institución «Fernando el Católico». Obtido de https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/23/75/_ebook.pdf

Eade, J., & Sallnow, M. J. (1992). Contesting the sacred: The anthropology of Christian Pilgrimage. *The Journal of Religion, 72 (4)*, 633-635. Obtido em 4 de outubro de 2025, de http://www.jstor.org/stable/1204666

Espanha, R., & Lapa, T. (2019). *Literacia dos novos media.* Mundos Sociais.

Ferreira, L. (2024). *Um caminho que o tempo não apagou: Uma peregrinação de dez dias, pelo Caminho da Geira e Arrieiros* (1.ª ed.). Ego Editora.

Frey, N. L. (1998). *Pilgrim stories: On and off the road to Santiago.* University of California Press.

Galicia, X. d. (s.d.). *De fenómeno religioso a experiência cultural*. Obtido de Camino de Santiago – Xunta de Galicia: https://www.caminodesantiago.gal/pt/descubra/origens-e-evolucao/de-fenomeno-religioso-a-experiencia-cultural

Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research.* Aldine Publishing Company.

Han, B.-C. (2014). *A sociedade da transparência.* (M. S. Pereira, Trad.) Relógio D'Água.

Hjarvard, S. (2013). *The mediatization of culture and society.* Routledge. https://doi.org/10.4324/9780203155363

Jenkins, H. (2008). *Convergence culture: Where old and new media collide* (Revised ed.). NYU Press.

Katz, E., Blumler, J. G., & Gurevitch, M. (1974). Uses and gratifications research. *Public Opinion Quarterly, 37(4)*, 509-523. https://doi.org/10.1086/268109

Knudsen, B. T., & Waade, A. M. (2010). *Re-investing authenticity: Tourism, place and emotions* (Vol. 1). Channel View Publications.

Lapa, T., & Vieira, J. (2019). Divisões digitais em Portugal e na Europa: Portugal ainda à procura do comboio europeu? *Sociologia Online, 21*, 62-82. doi:10.30553/sociologiaonline.2019.21.3

Livingstone, S. (2004). Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies. *The Communication Review, 7*(1), 3-14. https://doi.org/10.1080/10714420490280152

MacCannell, D. (1973). Staged authenticity: Arrangements of social space in tourist settings. *American Journal of Sociology, 79 (3)*, 589-603. Obtido em 3 de outubro de 2025, de https://doi.org/10.1086/225585

Mazeda, M., & Teixeira, L. (2020). Aplicações móveis para o turismo cultural: Caminhos de Santiago. *Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies, 7 (1)*, 165-184. https://doi.org/10.21814/rlec.2126

Pereira, S., Fillol, J., & Moura, P. (2019). Young people learning from digital media outside of school: The informal meets the formal. *Comunicar: Media Education Research Journal, 27(58), 41–50*. Obtido em 16 de abril de 2025, de https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1201216.pdf

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2.ª ed.). (J. M. Marques, M. A. Mendes, & M. Carvalho, Trads.) Lisboa: Gradiva. Obtido de https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2018/09/quivy-manual-investigacao-novo.pdf

Raposo, R. G. (17 de fevereiro de 2025). *Tradições dos peregrinos ao chegar a Santiago de Compostela*. Obtido em 3 de outubro de 2025, de Tubuencamino: https://tubuencamino.com/pt/tradies-dos-peregrinos-ao-chegar-a-santiago-de-compostela/

Rosa, H. (2013). *Social acceleration: A new theory of modernity.* (J. Trejo-Mathys, Trad.) Columbia University Press.

Singul, F. (2006). Comunicación y presencia en un territorio: Una estrategia en el Camino de Santiago. El ejemplo gallego. In R. G. Iglesia (Ed.), *La comunicación en la gestión cultural* (pp. 109-116). Grupo Xabide.

Thompson, J. B. (2005). The new visibility. *Theory, Culture & Society, 22*, 31–51. Obtido em 4 de outubro de 2025, de https://doi.org/10.1177/0263276405059413

Turkle, S. (2011). *Alone together: Why we expect more from technology and less from each other.* Basic Books.

Turner, V. W., & Turner, E. L. (1978). *Image and Pilgrimage in Christian Culture: Anthropological Perspectives.* New York: Columbia University Press.

Villaverde, E. T. (1997). *La Liturgia Propia de Santiago en el Códice Calixtino.* Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

Wang, N. (1999). Rethinking authenticity in tourism experience. *Annals of Tourism Research, 26 (2)*, 349-370. Obtido em 3 de outubro de 2025, de https://doi.org/10.1016/S0160-7383(98)00103-0

Wolf, M. (1994). *Teorias da Comunicação* (3.ª ed.). Presença.

ANEXOS

Anexo A – Guião de Entrevista Semiestruturada

Apresentação inicial ao/à participante

Antes de iniciarmos a entrevista, gostaria de fazer uma breve apresentação do estudo.

Esta entrevista é realizada para fins exclusivamente académicos, no âmbito de uma dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, com o título "Inovando a Tradição: A Mediação Digital e os Sentidos e Significados de Autenticidade na Peregrinação ao Caminho de Santiago".

O objetivo é compreender de que forma os peregrinos vivem o Caminho de Santiago — em particular o Caminho da Geira e dos Arrieiros — e como integram (ou não) o uso de tecnologias digitais na sua experiência, nomeadamente em relação à autenticidade e à espiritualidade.

A participação é voluntária, anónima e confidencial. As respostas serão utilizadas apenas para fins científicos. A entrevista poderá ser gravada em áudio, mediante autorização, para posterior transcrição e análise.

Caso surja alguma questão adicional que queira partilhar após a entrevista, poderá fazê-lo através do contacto: achsa1@iscte-iul.pt

Muito obrigada pela sua disponibilidade.

Bom Caminho.

A. **Consentimento informado (oral)**

1. Antes de começarmos, confirma que aceita participar nesta entrevista e autoriza a gravação áudio, exclusivamente para efeitos de transcrição e análise académica?

B. **Perfil do entrevistado (critérios de comparação)**

2. Para efeitos de registo científico (anonimizado): nome fictício, idade, género, nacionalidade e profissão.
3. Como descreveria a sua relação com tecnologia no dia-a-dia? (baixa / média / alta) — porquê?
4. Em termos de fé/espiritualidade, identifica-se mais como: religioso/a, espiritual**,** ambos**,** ou nenhum? (se quiser, pode explicar).
5. Já tinha feito outros Caminhos/peregrinações antes? Quais? (experiência prévia)

C. **A escolha do Caminho e a ideia de autenticidade (Geira como eixo)**

6. O que o levou a fazer o Caminho nesta fase da vida? (motivações)
7. Porque escolheu o Caminho da Geira e dos Arrieiros?

8. Chegou a considerar outras rotas (ex.: Caminho Francês/Português)? O que pesou na decisão?
9. Quando pensa num Caminho "mais autêntico", o que é que isso significa para si?
10. Sentiu que a Geira (por ser menos massificada) influenciou essa perceção de autenticidade? Como?

D. **Mediação tecnológica na jornada (vida vivida vs vida mediada)**

11. Que tecnologias levou consigo? (telemóvel, smartwatch, powerbank, etc.)
12. Que apps/usos foram mais importantes para si? (GPS/Wikiloc/Mapas, fotografia, notas, etc.)
13. Em que momentos o telemóvel foi mais "necessário"? (orientação, segurança, logística)
14. Usou redes sociais / grupos (*WhatsApp,* Facebook, Instagram, etc.) durante o Caminho? Como e com que frequência?
15. Quando comunicava, era mais para pessoas próximas (família/amigos) ou para um público mais alargado (seguidores/grupos)? (ajuda a distinguir interação mediada vs quase-interação)
16. Houve momentos em que sentiu que o telemóvel aproximou a experiência (segurança, memória, ligação, sentido)? Quais?
17. E momentos em que sentiu que o telemóvel atrapalhou (distração, quebra de silêncio, comparação, "pressão para partilhar")? Quais?

E. **Síntese interpretativa (autenticidade x espirtitualidade x tecnologia)**

18. Se tivesse de escolher: a tecnologia, para si, foi mais companheira, ferramenta, obstáculo, ou extensão do Caminho? Porquê?
19. A presença digital (fotos, registos, partilhas) mudou a forma como guardou/recordou o Caminho?
20. Na sua opinião, é possível viver um Caminho "autêntico" estando conectado? Em que condições?
21. Se voltasse a fazer a Geira, faria algo diferente no uso da tecnologia?

F. **Fecho**

22. Há algo importante sobre a sua experiência que eu não tenha perguntado e queira acrescentar?

Anexo B – Termo de Consentimento Informado

Título da Dissertação:

Inovando a Tradição: A Mediação Digital e os Sentidos e Significados de Autenticidade na Peregrinação ao Caminho de Santiago

Cara/o participante,

O meu nome é Anabela Henriques e sou estudante do Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Esta investigação insere-se no âmbito da minha dissertação de mestrado e tem como objetivo compreender de que forma a mediação digital influencia a experiência dos peregrinos no Caminho de Santiago, com particular atenção à construção de sentidos de autenticidade e espiritualidade, incidindo especialmente sobre o Caminho da Geira e dos Arrieiros.

A sua participação consiste na realização de uma entrevista semiestruturada, que poderá decorrer de forma presencial ou à distância (por videoconferência), consoante a sua disponibilidade. A entrevista poderá ser gravada em áudio, mediante a sua autorização, exclusivamente para efeitos de transcrição e análise académica.

A participação neste estudo é voluntária. Poderá desistir a qualquer momento, sem necessidade de justificação e sem qualquer prejuízo. Os dados recolhidos serão tratados de forma confidencial e anónima, sendo utilizados apenas para fins científicos e académicos.

Não serão recolhidos dados que permitam a sua identificação pessoal. Qualquer referência será feita através de nomes fictícios, garantindo o anonimato.

Caso tenha alguma dúvida ou pretenda informações adicionais, poderá contactar-me através do endereço de correio eletrónico: achsa1@iscte-iul.pt

Declaração de consentimento

Ao assinalar as opções abaixo, declaro que:

☐ Compreendi os objetivos do estudo e aceito participar voluntariamente nesta investigação.

☐ Autorizo a gravação áudio da entrevista, exclusivamente para efeitos de transcrição e análise académica.

Data: ____ / ____ / _____

Assinatura: _____

Muito obrigada pela sua colaboração.

Lisboa, ___de _____ de 2025

Anabela Henriques

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Anexo C - Quadro de Operacionalização da investigação

Questão de investigação	Objetivo	Conceitos teóricos mobilizados	Perguntas de entrevista
Como a mediação digital influencia o planeamento da peregrinação no Caminho de Santiago?	Compreender o papel das tecnologias digitais no planeamento da peregrinação	Mediação digital; mediatização; convergência mediática (Cardoso; Couldry; Jenkins)	Q11, Q12, Q13
Como a mediação digital influencia a vivência quotidiana do Caminho?	Analisar o uso da tecnologia durante a caminhada e a sua função prática e simbólica	Presença mediada; vida vivida vs. vida mediada (Thompson)	Q13, Q16, Q17
De que forma a tecnologia participa na partilha e na performance da experiência peregrina?	Identificar práticas de comunicação e partilha digital ao longo do percurso	Interação mediada; quase-interação mediada; performance identitária (Thompson)	Q14, Q15
Como os peregrinos percecionam a relação entre mediação digital e autenticidade da experiência?	Explorar a construção simbólica da autenticidade em contexto digital	Autenticidade existencial e construída (Wang); encenação da experiência (MacCannell)	Q9, Q10, Q18, Q20
De que modo a escolha do Caminho da Geira e dos Arrieiros se relaciona com a procura de autenticidade?	Analisar a escolha da rota como estratégia simbólica face à massificação	Turismo espiritual; resistência à turistificação; identidades peregrinas (Eade & Sallnow; Cohen)	Q6, Q7, Q8, Q9, Q10
Que diferenças emergem entre peregrinos com perfis distintos?	Comparar discursos segundo literacia digital, espiritualidade e experiência prévia	Amostragem teórica; variação de perfis; saturação (Glaser & Strauss)	Q3, Q4, Q5 (em articulação com as restantes respostas)
Que sentidos globais os peregrinos atribuem à experiência após o Caminho?	Compreender o impacto pessoal, simbólico e memorial da peregrinação	Memória mediada; identidade narrativa; experiência transformadora	Q19, Q20, Q21, Q22

Anexo D – Matriz de perfis

Matriz de perfis dos peregrinos entrevistados (amostra final: 25 participantes)

	Nome (Fictício)	Idade	Profissão	Literacia Digital	Perfil de Fé	Exp. Prévia[1]
1	**Peixe**	64	Reformado/armazém	Baixa	Espiritual	Experiente
2	**Maria João**	62	Doméstica	Baixa	Espiritual	Iniciante
3	**Chalmas**	72	Reformado Administrativo	Média-Alta	Espiritual	Experiente
4	**Lima**	67	Agente PSP	Média	Religioso/Espiritual	Experiente
5	**Henriques**	69	Reformado/oficinal	Média	Religioso/Espiritual	Experiente
6	**Manuel Pinto**	65	Jurista e Téc. Justiça	Média-Alta	Espiritual	Experiente
7	**Salgueiro**	63	Reformado (Gestor e Eng.)	Alta	Espiritual	Experiente
8	**Tó Plaza**	57	Diretor Financeiro	Alta	Ateu	Experiente
9	**Ruca**	50	Carteiro	Média	Espiritual	Experiente
10	**Paty**	51	Administrativa	Média (uso dual)	Religiosa/Espiritual	Muito experiente.
11	**Rui Santos**	43	Funcionário Público	Alta	Religioso	Experiente
12	**Jó**	43	Psicóloga	Alta	Ateia	Experiente
13	**Rick**	42	Empresário Multimédia	Média-Alta	Espiritual	Experiente
14	**Barreira**	50	Funcionário Público	Média	Espiritual	Experiente
15	**Luís Ferreira**	55	Escritor	Alta	Religioso/Espiritual	Muito experiente.
16	**Luís**	55	Diretor empresa	Alta	Religioso/Espiritual	Experiente
17	**Hélder**	42	Arqueólogo	Média	Religioso/Espiritual	Experiente
18	**Caty**	41	Administrativa	Média	Espiritual	Experiente
19	**João**	53	Técnico de Eletrónica	Média	Espiritual	Iniciante
20	**Maria**	53	Administrativa	Média	Espiritual	Experiente
21	**Felício**	56	Militar Força Áerea, Meteorologista Aeronáutico	Alta	Secular[2] / não religioso -não espiritual	Experiente
22	**Adrenunes**	62	Reformado/Mecânico	Média	Religioso	Experiente
23	**Fernando**	60	Consultor Serviços Venda	Alta	Religioso/Espiritual	Experiente
24	**Pedro**	60	Empresário (produção)	Alta	Espiritual	Experiente
25	**Zema**	57	Bancário	Média	Espiritual	Muito experiente.

[1]A categoria "Experiente" corresponde a peregrinos com dois ou mais Caminhos realizados; "Muito Experiente" refere-se a peregrinos com envolvimento recorrente (mais de 10 Caminhos) ou participação estruturante na dinâmica do Caminho.

[2] O termo secular é aqui utilizado como categoria analítica, construída *a posteriori* a partir dos discursos dos entrevistados designando participantes que não se identificam nem com motivações religiosas nem com uma dimensão espiritual da caminhada, mas que atribuem sentido à peregrinação sobretudo enquanto desafio físico, experiência cultural, contacto humano e valorização do património. Esta categoria distingue-se, assim, dos perfis religiosos e espirituais, sem implicar qualquer atitude de rejeição ou desrespeito pelas tradições associadas ao Caminho.

Anexo E – Matriz de codificação temática indutiva

Matriz de codificação temática indutiva e indicadores de saturação teórica no Caminho da Geira e dos Arrieiros

Categoria Temática	Subcódigos (Códigos de 1ª Ordem)	Conceitos Teóricos Relacionados	Exemplos das Entrevistas (Evidência Empírica)
1. Mediação Digital Instrumental	Sobrevivência e Segurança;	Liminalidade Conectada	"Sem o GPS, não fazia este Caminho." (Luís Ferreira); "Sem ele, perdemo-nos." (Adrenunes); "Na Geira reconheço que a app foi essencial." (Zema)
	Orientação digital (GPS/Wikiloc)	Mediação Técnica	"Sem o Wikiloc não se fazia." (Luís Ferreira); "O Wikiloc foi decisivo para voltar ao rumo certo." (Zema); "No Caminho da Geira é mesmo orientação." (Fernando)
	Logística Remota	Mobilidades Comunicacionais	"Uso o WhatsApp para confirmar alojamentos." (Maria); "Enviei mensagem ao presidente da Junta e ele respondeu em 5–10 minutos." (Felício): "Publicava no grupo do albergue." (Adrenunes)
2. Construção da Autenticidade	Fuga à Massificação	Autenticidade Existencial (Wang)	"Shopping." (Jó); "Romaria." (Jó); "Não há turigrupos." (Fernando)
	A Geira como "Estado Puro"; Êxito Emergente	Autenticidade Construída	"Caminho de raiz." (Jó); "Super natural." (Adrenunes); "Muito natural." (Fernando)
	Hospitalidade Mediada/Estratégias Sociais de Autenticação	Presença Mediada (Thompson)	"O presidente de Caldelas foi espetacular." (Fernando); "Todos os dias perguntavam como tinha corrido a etapa." (Caty); "Alguém sabe onde estamos." (Caty)
3. Gestão da Experiência	Disciplina e Desconexão	Disciplina de Atenção; Estratégias Temporais e Espaciais (Allen-Perkins)	"Uso o telemóvel só quando preciso." (Jó); "Tentámos mesmo estar focados no caminho." (Caty);"O telemóvel deve ir bem guardadinho no bolso." (Adrenunes)
	Memória Digital vs. Real	Curadoria Narrativa; Ritual Distribuído (Allen-Perkins); Mediação de Memória (Cardoso)	"Tiro muitas fotografias para avivar a mente." (Lima); "A melhor memória é a que está na cabeça." (Zema); "Revive-se o Caminho." (Fernando)
4. Literacia e Perfis de Fé	Autodidatismo Digital	Critérios de Comparação	"Tenho 72 anos e uso tecnologia avançada." (Chalmas): "Há muitas coisas em que ainda peço ajuda ao meu marido." (Maria)
	Perfis de fé e formas rituais híbridas	Turismo Espiritual	"Religioso e pouco praticante." (Fernando); "Não sou religioso nem espiritual." (Felício); "A espiritualidade foi crescendo com os caminhos." (Zema)

Anexo F – Matriz Analítica da Tipologia Interpretativa dos Peregrinos Face à Mediação Digital

Tipo Ideal	Relação com a Tecnologia	Relação com a Autenticidade	Utilização do GPS	Exemplos
Conectados Reflexivos	Uso consciente e regulado	Compatível com tecnologia	Frequente mas controlado	Fernando (E23), Zema (E25), Salgueiro (E7)
Desconexão Intencional	Uso mínimo e seletivo	Associada ao silêncio e à presença	Apenas quando necessário	Jó (E12), Pedro (E24), Rui Santos (E11)
Instrumentais Pragmáticos	Uso funcional	Associado ao desafio físico	Essencial	Felício (E21), Adrenunes (E22), Manuel Pinto (E6), Peixe (E1)
Narradores Memorialistas	Uso intensivo para registo e partilha	Associada à memória e comunicação da experiência	Utilizado para orientação e registo	Lima (E4), Luís Ferreira (E15), Rick (E13)